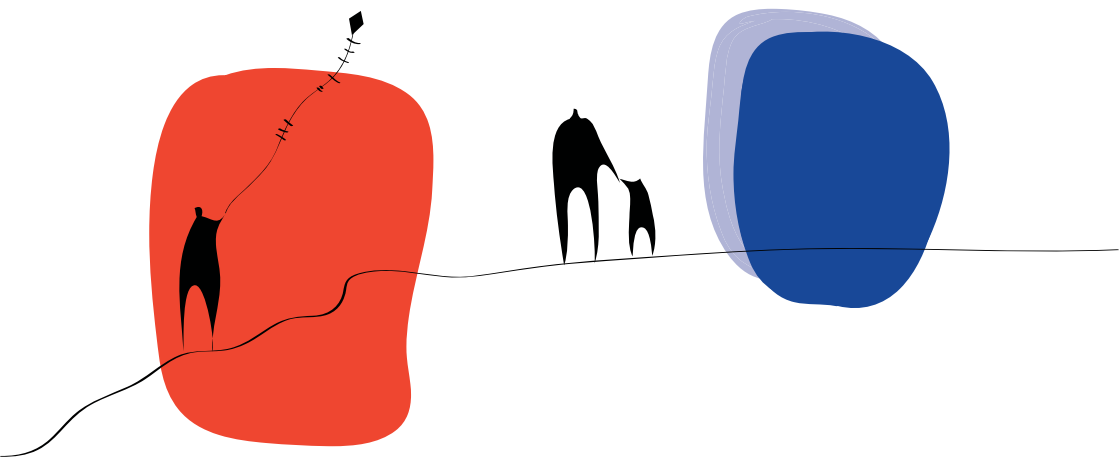


ARQUITETURA PARA AUTONOMIA

ATIVANDO
TERRITÓRIOS
EDUCADORES

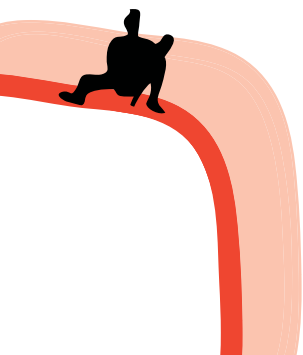


1ª edição, 2019
Impresso no Brasil
ISBN 978-85-92888-01-5
Gráfica FormaCerta

Autores: Instituto A Cidade Precisa de Você e Escola Sem Muros
Título e subtítulo: Arquitetura para Autonomia – ativando territórios educadores
1ª Edição
São Paulo
A Cidade Press
2019

**A CIDADE
PRESS**

A Cidade Press é o selo de publicações
do Instituto A Cidade Precisa de Você.



ARQUITECTURA PARA LA AUTONOMÍA

ACTIVANDO
TERRITORIOS
EDUCADORES

Realização

**A CIDADE
PRECISA
DE VOCÊ**

ESCOLA
SEM MUROS

Parceria de Fomento



ÍNDICE

Presentación	6
La participación ciudadana em la construcción de las ciudades	14
Introducción	18

CARTOGRAFÍAS

¿Que és un territorio educador?	34
¿Cómo activar terriorios educadores?	38

RUEDAS DE CONVERSACIÓN

TIERRA Y TERRITORIO	43
Ocupação 9 de Julho	50
Assentamento Irmã Alberta	50
Teatro Contadores de Mentira	52
Bancada Ativista	52

INVERSIÓN DE LA MIRADA	54
Semillas	58
Arquitetura Mixta	58
Canteiro Experimental FAUUSP	60
Universidade Livre Intercultural de Saberes	60

CONECTANDO SABERES	64
UniGraja	66
Ruta 4	66
Horta di Gueto	68
Diversitas FFLC	68

BUEN VIVIR LA CIUDAD	70
Ecoativa	74
Ouidor 63	74
Vila Nova Esperança	76
Oasis Medellin	76
Buen Vivir	78

TALLERES	81
Afeto, Narrativas e Território	80
Autokinesis	82
Bambu e Autonomia	84
Cartografia Afetiva	86
Co-Criança	88
Habitar Terra	90
Jardinagem de Guerrilha	92
Letreiro em Mutirão	94
Migração e Geografias Mentais de Fronteiras	96
Teoria da Deriva	98
Territórios de Mediação	98

¿DÓNDE ARQUITECTURA, AUTONOMÍA, CIUDAD Y EDUCACIÓN SE ENCUENTRAN?	102
--	------------

INCONCLUSIÓN EN PROCESO	118
Escalas: del cuerpo al territorio	

ÍNDICE

Apresentação	7
A participação cidadã na construção das cidades	15
Introdução	19

CARTOGRAFIA

Glossário: O que é um território educador?	35
Mapa: Como ativar territórios educadores?	39

RODAS DE CONVERSA

TERRA E TERRITÓRIO	44
Ocupação 9 de Julho	51
Assentamento Irmã Alberta	51
Teatro Contadores de Mentiras	53
Bancada Ativista	53

INVERSÃO DO OLHAR	54
Semillas	59
Arquitetura Mixta	59
Canteiro Experimental FAUUSP	61
Universidade Livre Intercultural de Saberes	61

CONECTANDO SABERES	65
UniGraja	67
Ruta 4	67
Horta di Gueto	69
Diversitas FFLC	69

BEM VIVER A CIDADE	71
Ecoativa	75
Ouidor 63	75
Vila Nova Esperança	77
Oasis Medellin	77
Buen Vivir	79

OFICINAS	81
Afeto, Narrativas e Território	80
Autokinesis	82
Bambu e Autonomia	84
Cartografia Afetiva	86
Co-Criança	88
Habitar Terra	90
Jardinagem de Guerrilha	92
Letreiro em Mutirão	94
Migração e Geografias Mentais de Fronteiras	96
Teoria da Deriva	98
Territórios de Mediação	98

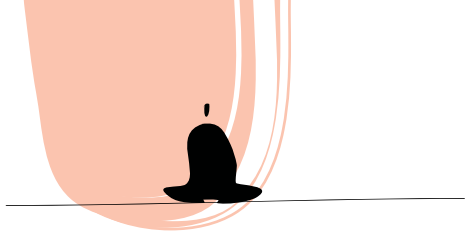
Onde cidade, arquitetura, autonomia e educação se encontram?	103
---	------------

INCONCLUSÃO EM PROCESSO	119
Escalas: do corpo ao território	

BIBLIOGRAFIA E EQUIPE

PRESENTACIÓN

por Escola Sem Muros
y Instituto A Cidade Precisa de Você



Esta publicación es un ensayo que resultó de una serie de encuentros temáticos sobre autonomía y activación de territorios educadores, prácticas y procesos de los colectivos propuestos que reunió arquitectos, urbanistas, activistas, colectivos, educadores y estudiantes; personas comprometidas en diversos movimientos sociales de lucha por derechos.

El encuentro internacional **Arquitectura para la Autonomía: activando territorios educadores** se realizó en marzo de 2019 en São Paulo, Brasil, donde se abrió un espacio de reflexión, diálogo, afecto y, además, intercambio de experiencias reales que contribuyen a la construcción colectiva de una arquitectura para la autonomía, educadora y principalmente hecha por y para las personas. Ejercitamos durante tres días una praxis transformadora buscando crear una plataforma de acción–reflexión–acción continua. Frente a este objetivo, luego de reuniones posteriores de cocreación con personas de diferentes áreas de actuación y experiencias de vida, el modelo de seminario común académico fue revisado, lo que generó una serie de prácticas y diálogos temáticos, espacios autogestionados que revelaron el carácter transversal de las luchas identitarias que emerge de un espacio común de inteligencias colectivas. El seminario se consolidó como una oportunidad para expandir los horizontes del debate en el campo de la arquitectura y urbanismo. Se mezcló la práctica con un movimiento de transformación social protagonizado por una diversidad de miradas y actores comprometidos con la construcción de una agenda de educación popular y de territorios educadores.

Organizado por el Instituto La Ciudad Necesita de Vos y Escuela Sin Muros, con el apoyo del Consejo de Arquitectura y

APRESENTAÇÃO

por Escola Sem Muros
e Instituto A Cidade Precisa de Você

Esta publicação é um ensaio resultante de encontros temáticos sobre arquitetura para autonomia, ativação de territórios educadores e as práticas e processos dos coletivos propositores, reunindo arquitetos(as), urbanistas, ativistas, coletivos, educadores(as), estudantes e pessoas engajadas em diversos movimentos sociais de luta por direitos.

O seminário internacional **Arquitetura para Autonomia: ativando territórios educadores** aconteceu em março de 2019 em São Paulo, Brasil. Foi um espaço aberto de reflexão, diálogo, afeto e, sobretudo, trocas de experiências reais que contribuem para a construção coletiva de uma arquitetura para autonomia, educadora e, principalmente, feita por e para as pessoas. Exercitamos ao longo de três dias uma práxis transformadora, que buscou criar uma plataforma de ação-reflexão-ação contínua. Diante deste objetivo, e após reuniões de cocriação com pessoas de diferentes áreas de atuação e experiências de vida, o modelo inicial de seminário, comum à academia, foi revisado, sendo propostas uma série de práticas e mesas de diálogos temáticas, espaços autogeridos que revelaram o caráter transdisciplinar das lutas identitárias, fazendo emergir um espaço comum de inteligências coletivas. O seminário consolidou-se como uma oportunidade para extrapolar os horizontes de debate no campo da arquitetura e urbanismo, tangenciando práticas com um movimento de transformação social protagonizado por uma diversidade de olhares e atores engajados na construção de uma agenda da educação popular e de territórios educadores.

Organizado pelo Instituto A Cidade Precisa de Você e pelo coletivo Escola Sem Muros, com parceria de fomento do CAU/SP - Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, o encontro

Urbanismo de São Paulo - CAU/SP, el encuentro conectó dos perspectivas complementarias: por un lado, una actuación que investiga estructuras y políticas públicas que fomentan la participación ciudadana y la coproducción de la ciudad; y por el otro, una experimentación que estimule la autogestión a través de un programa político pedagógico y experiencias de aprendizaje prácticas y colectivas.

El Instituto La Ciudad Necesita de Vos trabaja desde 2015 para hacer justicia socioespacial en las ciudades con acciones en pro de la democracia a través de actividades en espacios públicos que involucran actores locales en el uso, cuidado y gestión. Los colaboradores de esta red creen que es fundamental pensar el urbanismo contemporáneo de una forma descentralizada y participativa en la cual los ciudadanos puedan ser protagonistas del cambio en sus ciudades.

¿Cómo se puede usar la arquitectura y el urbanismo como instrumentos de descentralización del poder y la lucha por el derecho a la ciudad a través de iniciativas comunitarias? El actual modelo de gestión de la ciudad, los espacios y equipamientos públicos no permite la gerencia compartida con la población, por tanto, ¿eso significaría pensar en una práctica y en políticas que fomenten la autonomía?

El Instituto actúa a través de tres ejes: Educación Urbana, Mano en La Masa y Hacer Juntos. En el eje Educación Urbana se realizan cartografías del territorio, los deseos y necesidades de la población; en Mano en la Masa se hacen prototipos de intervenciones en el espacio público; y finalmente en Hacer Juntos se dibuja un modelo de gestión compartida del espacio, lo que fortalece el desarrollo local a través de este punto clave.

El colectivo Escuela Sin Muros busca proporcionar un aprendizaje dinámico y tornar el conocimiento de permacultura, arquitectura y otras tecnologías al servicio de la sociedad valorando los saberes y activos locales de cada comunidad. Tiene como metodología el trípode aproximación, construcción y cuidado, pues valora el proceso tanto como el resultado. De esta

conectou duas perspectivas complementares acerca do tema: de um lado, uma atuação que investiga estruturas e políticas públicas que fomentam a participação cidadã e a coprodução da cidade; de outro, uma experimentação que fomenta a autogestão, através de um programa político-pedagógico e de experiências de aprendizagem prática e coletiva.

O Instituto A Cidade Precisa de Você atua desde 2015 para produzir justiça socioespacial nas cidades, com ações de radicalização da democracia através de ativações de espaços públicos, engajando atores locais no seu uso, cuidado e gestão. Os colaboradores desta rede acreditam ser fundamental pensar o urbanismo contemporâneo de forma descentralizada e participativa, no qual os cidadãos sejam protagonistas da mudança que querem ver e viver em suas cidades.

Como seria usar a arquitetura e urbanismo como instrumentos de descentralização de poder e luta por direito à cidade, através de iniciativas comunitárias? O modelo de gestão da cidade, dos espaços e equipamentos públicos, não permite a gestão compartilhada com a população — o que significaria, portanto, pensar em uma prática e políticas que fomentam a autonomia?

O Instituto A Cidade Precisa de Você atua a partir de três eixos: Educação Urbana, Mão na Massa e Fazendo Junto. Dentro do Educação Urbana são realizados mapeamentos do território, dos desejos e necessidades da população; no Mão na Massa são prototipadas intervenções no espaço público; e no Fazendo Junto é desenhado um modelo de gestão compartilhada do espaço, fortalecendo o desenvolvimento local através deste ponto chave.

O coletivo Escola Sem Muros visa proporcionar um aprendizado prático e colocar o conhecimento da permacultura, da arquitetura e de outras tecnologias sociais a serviço da sociedade, valorizando os saberes e ativos locais de cada comunidade em que atua. Tem como metodologia o tripé aproximação, construção e cuidado, entendendo que o processo

forma, pretende potenciar la autonomía de todas las personas involucradas activando, cultivando y reconociendo territorios educadores.

El primer programa de inmersión se realizó en enero de 2018 en Brasilândia, zona norte de São Paulo. Cerca de 70 personas (estudiantes, facilitadores y comunidad) participaron en la jornada de aprendizaje, lo que dio inicio al proceso de reforma del Espacio Cultural Jardim Damasceno, sitio clave en la lucha por el derecho a la ciudad. El proyecto fue entonces seleccionado para participar en el Pabellón de Brasil “Muros de Aire” de la Bienal de Arquitectura en Venecia, realizado en julio de 2018, donde fue realizado el primer seminario Arquitectura para la Autonomía que luego continuó en São Paulo en 2019.

Bajo un contexto global de renovar la noción de público y de constitución del común (NEGRI 2015), de la falencia de formas y espacios políticos institucionalizados, imaginar otras ciudades posibles tiene lugar a través de la construcción de lugares practicados (CERTEAU 1994), donde los ciudadanos se organizan para construir espacios en que se reconocen, acá y ahora. Las ciudades en las que queremos vivir surgen, por lo tanto, de prácticas autónomas, de hacer juntos espacios que se reinventan, que proponen sus propias reglas y otras formas de relación dentro del espacio establecido y reglado, heterotopías (FOUCAULT 1984) que se manifiestan en la ciudad contemporánea.

Invitamos aquí a un proceso de descolonización del pensamiento y de los cuerpos en el que comprendamos los modos de habitar no hegemónicos, repensemos los medios de producción de las ciudades y nos posicionemos en relación con la crisis social, política y ecológica que vivimos. El objetivo del encuentro fue, entonces, articular las diferentes iniciativas existentes basadas en esta crítica, lo que posibilita el intercambio de experiencias y darle oportunidad a nuevas prácticas que puedan surgir posteriormente en investigaciones sobre una práctica más comunitaria y autónoma

é tão importante quanto o resultado. Desta maneira, visa potencializar a autonomia de todas as pessoas envolvidas, ativando, cultivando e reconhecendo territórios educadores.

O primeiro programa de imersão aconteceu em janeiro de 2018, na Brasilândia, zona Norte da cidade de São Paulo. Cerca de setenta pessoas — estudantes, facilitadores(as) e comunidade — participaram da jornada de aprendizagem, iniciando o processo de reforma do Espaço Cultural Jd. Damasceno, icônico na luta pelo direito à cidade. O projeto a ele relacionado foi, depois, selecionado para o Pavilhão do Brasil “Muros de Ar”, na Bienal de Arquitetura de Veneza. Nela, foi realizado, em julho de 2018, o primeiro seminário Arquitetura para Autonomia, ao qual segue a presente segunda edição, na cidade de São Paulo.

Em um contexto global de retomada da noção de espaço público e da constituição do comum (NEGRI, 2015), da falência de formas e espaços de fazer política institucionalizados, a imaginação de outras cidades possíveis acontece através da construção de lugares praticados (CERTEAU, 1994), onde cidadãos se organizam para construir espaços em que se reconheçam, aqui e agora. As cidades em que queremos viver emergem, portanto, de práticas de autonomia, de fazer junto — espaços que reinventam e propõem suas próprias regras e outras formas de relação dentro do espaço estabelecido e regulado, heterotopias (FOUCAULT, 1984) que se manifestam na cidade contemporânea.

Convidamos, aqui, a um processo de descolonização do pensamento e dos corpos, compreendendo modos de habitar não hegemônicos, repensando os meios de produção das cidades, reposicionando-nos com relação à crise social, política e ecológica que enfrentamos. O objetivo do encontro foi, então, articular as diferentes iniciativas existentes, que se pautam nesta crítica, possibilitando a troca de experiências, e oportunizar novas práticas que possam surgir a partir destes encontros, investigando uma prática mais comunitária e autônoma.



Momento ciranda na Estação da Luz
Momento de danza en la Estación da Luz



Oficina de Cartografía Afetiva, no Teatro de Contêiner Mungunzá
Taller de Cartografía Afetiva en el Teatro de Contêiner Mungunzá

LA PARTICIPACIÓN CIUDADANA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LAS CIUDADES

por José Roberto Geraldine Junior, presidente del CAU/SP

El Consejo de Arquitectura y Urbanismo de São Paulo - CAU/SP considera la participación del arquitecto y urbanista en la planificación y producción de las ciudades fundamental para garantizar el bienestar y seguridad de la sociedad. Creado por la Ley Federal 12.378/10, el CAU/SP tiene como sus principales deberes fiscalizar el ejercicio arquitectónico y urbanístico profesional y pugnar por el perfeccionamiento de dicho ejercicio. Para el Consejo, el profesional calificado es competente para intervenir adecuadamente contribuyendo a que las ciudades sean lugares seguros y dignos donde sus habitantes puedan vivir, trabajar, transitar y disfrutar de una equipamiento urbano.

La propuesta del Instituto A Cidade Precisa de Você es fomentar la actuación de la población y otros actores sociales en la organización y uso de los espacios públicos en conjunto con estudiantes y profesionales de la arquitectura y urbanismo.

CAU/SP evalúa que, para una estrategia de construcción de ciudades adecuada, es necesaria la combinación positiva del urbanismo y ciudadanía que solamente puede merecer nuestro apoyo. Apoyar la publicación de “Arquitectura para la Autonomía: Activando territorios educadores” no es solo un ejercicio de coherencia, sino una contribución para discutir problemas de los municipios brasileños de la manera que todos deseamos: con la participación activa de los ciudadanos y el respaldo técnico de arquitectos y urbanistas.

Nota de las curadoras: el encuentro internacional **Arquitectura para la autonomía: activando territorios educadores** fue propuesto y realizado por el Instituto A Cidade Precisa de Você en colaboración con el colectivo Escola sem Muros, cocreadoras y cocreadores.

A PARTICIPAÇÃO CIDADÃ NA CONSTRUÇÃO DAS CIDADES

por José Roberto Geraldine Junior, Presidente do CAU/SP

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo - CAU/SP considera a participação do arquiteto e urbanista no planejamento e na produção das cidades aspecto fundamental para garantir o bem-estar e a segurança da sociedade. Criado pela lei federal 12.378/10, o CAU tem por seus principais deveres fiscalizar o exercício profissional e pugnar pelo aperfeiçoamento do exercício da Arquitetura e Urbanismo. Para o Conselho, o profissional qualificado tem condições de intervir adequadamente, contribuindo para que as cidades sejam lugares seguros e dignos em que seus habitantes possam morar, trabalhar, transitar e desfrutar do equipamento urbano.

A proposta do Instituto A Cidade Precisa de Você é fomentar a atuação dos moradores e outros atores sociais, na organização e no uso dos espaços públicos, em conjunto com estudantes e profissionais de Arquitetura e Urbanismo.

O CAU/SP avalia que, para uma adequada estratégia de construção das cidades, é necessária a combinação positiva de urbanismo e cidadania, o que somente pode merecer nosso apoio. Apoiar a publicação da obra “Arquitetura para Autonomia: ativando territórios educadores” não é somente um exercício de coerência, mas uma contribuição para discutir os problemas dos municípios brasileiros da maneira que todos desejamos: com a participação ativa dos cidadãos e com o respaldo técnico de arquitetos e urbanistas.

Nota das curadoras: o encontro internacional “Arquitetura para Autonomia: ativando territórios educadores” foi proposto e realizado pelo Instituto A Cidade Precisa de Você, em parceria com o coletivo Escola Sem Muros, com a colaboração de cocriadoras e cocriadores.

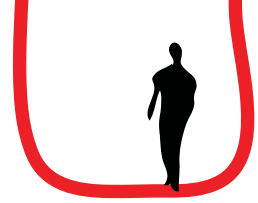


Oficina de Jardinagem de Guerrilha, no Teatro de Contêiner Mungunzá
Taller de Jardinería de Guerrilla en el Teatro de Contêiner Mungunzá



Oficina de Bambu e Autonomia, no Teatro de Contêiner Mungunzá
Taller de Bambú y Autonomía en el Teatro de Contêiner Mungunzá

INTRODUCCIÓN



¿Quiénes son las personas “arquitectas y urbanistas” que están imaginando y construyendo el mundo en el que queremos vivir? ¿Cuáles son los modos de producción, los materiales, las formas de relación y reproducción social practicados por movimientos sociales que apuntan caminos de futuros posibles, inclusivos, diversos, justos y ecológicos? ¿Existen arquitecturas en las ciudades que impulsan la libertad, colaboración, coresponsabilidad y el cuidado con uno, con el otro y el espacio que habitamos?

Diferentes alternativas, prácticas innovadoras (económicas, materiales, sociales, ecológicas) y construcciones colectivas han sido desarrolladas y probadas apuntando a experiencias democráticas de acción y procesos sociales emancipatorios. Contranarrativas y vislumbres de otras posibilidades de mundo emergen para cuestionar nuestra relación con la identidad, el tiempo, el trabajo, el deseo, el cuidado con el otro, la comunidad, la ciudad y el territorio. La variedad de iniciativas alienta el debate sobre cuestiones que necesitan ser discutidas, como las que se refieren a la pedagogía y las prácticas de arquitectura y urbanismo contemporáneas.

Considerando que cerca del 85% de las ciudades son construidas sin la participación de arquitectos o urbanistas (CAU/BR-Datafolha 2015) y que la variedad de infraestructuras sociales creadas de forma comunitaria deja en evidencia la necesidad de intervención del arquitecto al territorio y a los procesos de transformación social, necesitamos diseñar nuevas estrategias de construcción civil con las comunidades locales pensando en los territorios a través de políticas públicas de participación directa y modos de producción más horizontales, colaborativos.

INTRODUÇÃO

Quem são as pessoas arquitetas e urbanistas que estão imaginando e construindo o mundo em que queremos viver? Quais os modos de produção, os materiais, os modos de relação e reprodução social que são praticados por movimentos sociais que apontam caminhos de futuros possíveis, inclusivos, diversos, justos e ecológicos? Quais arquiteturas existem nas cidades para instigar a liberdade, a colaboração, a corresponsabilidade, os cuidados consigo, com o outro e com o espaço que habitamos?

Diferentes alternativas, práticas inovadoras (econômica, material, social e ecologicamente) e construções coletivas têm sido desenvolvidas e prototipadas, apontando para experiências de democracia em ação e processos sociais emancipatórios. Contranarrativas e vislumbres de outras possibilidades de mundo emergem, questionando nossa relação com identidade, tempo, trabalho, desejo, cuidado com o(a) outro(a), a comunidade, a cidade e o território. A variedade de iniciativas encoraja o debate sobre questões que precisam ser aprofundadas, como as que se referem à pedagogia e práticas da arquitetura e do urbanismo contemporâneos.

Considerando que cerca de 85% das cidades é construída sem o envolvimento de arquitetos(as) urbanistas (CAU/BR-Datafolha, 2015), e que a variedade de infraestruturas sociais é criada de forma comunitária, fica evidente a necessidade da aproximação do(a) arquiteto(a) ao território e aos processos de transformação social. Precisamos desenhar novas estratégias de construção da cidade com as comunidades locais e a partir dos territórios em que estão inseridas, através de políticas públicas de participação direta, além de modos de produção mais horizontais, colaborativos e situados.

Para realizar otras prácticas alternativas es necesario que haya un proceso de aprendizaje distinto que supere la inercia de la pedagogía restringida a los muros de la universidad, distante de la realidad social. ¿Cómo, por consiguiente, hacer la transición de una praxis arquitectónica y urbanística hegemónica, exclusiva, mercantilizada, colonial, alejada de la realidad, al ejercicio de múltiples prácticas –complejas, inclusivas, contextualizadas, resilientes, integradas– que generen afecto, valor, significado y pertenencia durante su elaboración y existencia?

Con estas cuestiones en mente, el seminario **Arquitectura para la autonomía: activando territorios educadores** reunió personas con una práctica social y ecológicamente responsable, activistas del buen vivir en los territorios donde coexisten que reinventan pedagogías y cultivan prácticas de construcción y entendimiento común.

La primera edición del seminario **Arquitectura para la autonomía** fue en Venecia, en julio de 2018, como un evento colateral a la 16ª Bienal de Arquitectura en Venecia, organizado por el colectivo Escuela sin Muros. El encuentro fue realizado en la Caserma Pepe, Venecia, en un contexto de ocupación temporaria de un edificio abandonado en Lido di Venezia, coordinada por el equipo curatorial del pabellón de Francia – Lieux Infinis (bajo curaduría del escritorio Encore Heureux, en conjunto con los colectivos Yes we camp y Biennale Urbana).

Con participantes de diversas partes del mundo¹, el encuentro duró tres días, abordando los siguientes temas:

contexto – la realidad de la arquitectura y la arquitectura

¹ Brasil (Escuela Sin Muros, Construcción Agroecológica FAUUSP, Gabriela Deleu), Alemania (Constructlab), Bulgaria (EASA – Encuentro Europeo de Estudiantes de Arquitectura), Colombia (Ruta4 arquitectura), Croacia (RE:EASA – Encuentro Europeo de Estudiantes de Arquitectura), Italia (Brave New Alps, Labgov, La Foresta, Rebiennale e Tempo Riuso) y Portugal (Collective Worker e Critical Concrete).

Para produzir outras práticas, é preciso que haja um processo de aprendizagem distinto, que ultrapasse a estanqueidade dos processos pedagógicos restritos aos muros da universidade e distantes da realidade social. Como, portanto, realizar a transição de uma prática arquitetônica e urbanística hegemônica, exclusiva, mercantilizada, colonial, distante da realidade, rumo ao exercício de múltiplas práticas — complexas, inclusivas, situadas, resilientes, integradas — que produzam afeto, valor, significado e pertencimento no seu processo e existência?

Com tais questões em mente, o seminário **Arquitetura para Autonomia: ativando territórios educadores** reuniu pessoas com uma prática social e ecologicamente responsável, ativistas do bem viver nos territórios em que estão inseridos, que reinventam pedagogias e cultivam práticas de construção e entendimento do comum.

A primeira edição do seminário “**Arquitetura para Autonomia**” aconteceu como um evento colateral da 16ª Bienal de Arquitetura de Veneza, em julho de 2018. Foi organizada pelo coletivo Escola Sem Muros na Caserma Pepe, em um contexto de ocupação temporária de um edifício abandonado em Lido di Venezia, uma ilha que faz parte da cidade de Veneza, coordenada pela equipe curatorial do Pavilhão da França “*Lieux Infinis*” (sob curadoria do escritório *Encore Heureux*, em parceria com os coletivos *Yes We Camp* e *Biennale Urbana*).

Com participantes de diversas partes do mundo¹, o encontro aconteceu ao longo de três dias, abordando os seguintes temas:

¹ Brasil (Escola Sem Muros, Construção Agroecológica FAUUSP, Gabriela Deleu), Alemanha (Constructlab), Bulgária (EASA - European Assembly of Students of Architecture), Colômbia (Ruta4 arquitectura), Croácia (RE:EASA - European Assembly of Students of Architecture), Itália (Brave New Alps, Labgov, La Foresta, Rebiennale e Tempo Riuso) e Portugal (Collective Worker e Critical Concrete).

real; **educación** – herramientas para una práctica de libertad;
prácticas – agenciamientos para una arquitectura integrada y territorios autónomos.

A través de charlas sobre las iniciativas, workshops y debates, el encuentro promovió el intercambio entre diversos contextos y realidades con un propósito común: crear masa crítica alrededor de los temas apuntados fortaleciendo el aprendizaje entre la red de prácticas autónomas a nivel global. Con el fin de traer perspectivas del sur global, además de las charlas, se exhibió el documental “Hacer mucho con poco”, de Al Borde y Kliwadenko Novas, que muestra un panorama de la producción de la arquitectura contemporánea conectada a un movimiento latinoamericano de un cambio de paradigmas.

Diseñar un panorama contextual sobre la realidad de la arquitectura y urbanismo es casi innecesario, sin embargo aún es importante hacerlo. La arquitectura siempre fue una herramienta de poder: religioso, institucional, económico, ¿qué significa usar la arquitectura para descentralizar el poder, para distribuirlo a las comunidades con el fin de que regeneren sus propios territorios? ¿Cómo crear territorios educadores a través de la arquitectura (con un proceso basado en una formación mutua, en el intercambio horizontal, en la producción de conocimiento colectivo a partir de la experiencia real)? ¿Cuáles son las funciones pedagógicas y sociales de la arquitectura (individual/colectiva/ecológica)?

Se entiende que para una arquitectura y urbanismo contemporánea necesitamos crear otros caminos en la pedagogía y en la actuación trayendo una perspectiva crítica sobre la forma del aprendizaje (el diseño y la realidad social, material y empírica); las relaciones de trabajo y de poder en la obra; la responsabilidad en los modos de producción, elección de materiales y técnicas (proporción entre lo industrial y artesanal); la calidad de la participación y apropiación de la comunidad involucrada; el cuidado y uso de

contexto - a realidade da arquitetura e uma arquitetura real;
educação - ferramentas para uma prática da liberdade; **práticas**
- agenciamentos para uma arquitetura integrada e territórios autônomos.

Através de palestras das iniciativas, workshops e debates, o encontro promoveu a troca entre diversos contextos e realidades, porém com um propósito comum, criando massa crítica ao redor dos temas apontados e fortalecendo a troca e aprendizado entre a rede de práticas autônomas a nível global. Trazendo perspectivas do Sul global, para além das palestras, foi realizada a exibição do filme *Hacer Mucho Con Poco* (fazer muito com pouco) do Al Borde e KliwadenkoNovas, que traça um panorama da produção da arquitetura contemporânea conectada a um movimento latino-americano de mudança de paradigmas.

Traçar um panorama do contexto sobre a realidade da arquitetura e urbanismo é quase desnecessário. Porém, ainda é importante fazê-lo, mesmo que brevemente. A arquitetura sempre foi uma ferramenta para o poder: religioso, institucional, econômico. O que significaria, então, usar a arquitetura para descentralizar o poder, distribuí-lo às comunidades para regenerarem seus próprios territórios? Como criar territórios educadores através da arquitetura (no sentido de criar um processo baseado na formação mútua, na troca horizontal, na produção de conhecimento coletiva a partir da experiência real)? Quais as funções pedagógica e social da arquitetura (individual e coletiva/ecológica)?

Entende-se que, para uma arquitetura e urbanismo contemporâneos, precisamos criar outros caminhos na pedagogia e na atuação, trazendo uma perspectiva crítica sobre: o formato de aprendizado (o desenho e a realidade social, material e empírica); as relações de trabalho e de poder no canteiro; a responsabilidade nos modos de produção, escolha de materiais e técnicas (proporção entre industrial e artesanal);

los espacios construidos (la rigidez o flexibilidad del diseño); el entendimiento de la construcción arquitectónica como construcción física pero también simbólica, como un manifiesto.

Frente a estas provocaciones, el papel del arquitecto comprometido en una práctica social-ecológica-política puede justamente ser una visión que abarque los procedimientos y relaciones existentes en su quehacer al tener claro las preguntas “por qué, cómo, qué, dónde y con quién hacerlo” para así proponer nuevas conexiones y articulaciones. Pero, además de esto, el arquitecto puede entenderse como actor en un territorio de mediación que propone, a través del proyecto, valores que serán compartidos en la sociedad para construir otra forma de comprender el mundo.

De esta manera, se entiende aquí la necesidad de un proceso pedagógico que proporcione herramientas para una práctica de la libertad al variar desde la dimensión individual, colectiva y la dimensión del territorio habitado considerando el aspecto subjetivo del desarrollo humano, la participación y el sentimiento de pertenencia, la planificación del tiempo, organización y valoración de las cosas, la experiencia con las manos en la masa y el proyecto de procesos, el compromiso comunitario, el intercambio cultural y afectivo y la autonomía energética en los modos de habitar (permacultura urbana).

“Estamos en un momento donde debemos reconocer una crisis de proyecto en la arquitectura, en la producción industrial y en todas las actividades humanas. Nosotros debemos preguntarnos qué quiere decir esta crisis, cuáles son las perspectivas de solución que presenta. (...) todos nosotros, cuando proyectamos, tenemos la necesidad de **pensar en la posteridad de la existencia del hoy, para dar a la existencia de hoy una dimensión sobre el futuro.** El proyecto es un continuo proyectar, es ejercer siempre una crítica sobre la existencia, suponer cualquier cosa

a qualidade da participação e apropriação da comunidade envolvida; o cuidado e uso dos espaços construídos (a rigidez ou flexibilidade do desenho); e o entendimento da construção arquitetônica como construção física, mas também simbólica, como manifesto.

Diante destas provocações, o papel de um(a) arquiteto(a) engajado(a) em uma prática social-ecológica-política pode, justamente, ser, na visão abrangente dos processos e relações existentes em seu fazer, tendo clareza das perguntas “por que, como, o que, onde e com quem fazer?”, propondo novas conexões e articulações. Mas, para além disso, entender-se como ator em um território de mediação, que propõe, através do projeto, valores a serem compartilhados na sociedade, construindo uma outra forma de compreender o mundo.

Dessa forma, entende-se, aqui, a necessidade de um processo pedagógico, que forneça ferramentas para uma prática da liberdade, oscilando desde a dimensão individual, coletiva e do território em que se habita: considerando o aspecto subjetivo do desenvolvimento humano, participação e sentimento de pertencimento; o planejamento do tempo, organização e valoração das coisas; a experiência mão na massa e projeto de processos; o engajamento comunitário, troca cultural e afeto; e a autonomia energética e nos modos de habitar (permacultura urbana).

“Estamos em um momento onde devemos constatar uma crise de projeto na arquitetura, na produção industrial, em todas as atividades humanas, e nós devemos nos perguntar o que esta crise quer dizer, quais são as perspectivas de solução que apresenta. (...) nós todos, quando projetamos, temos a necessidade de **pensar a posteridade para a existência de hoje, para dar à existência de hoje uma dimensão a respeito do futuro.** O projeto é um projetar contínuo, é exercer sempre uma

diferente y evidentemente mejor. Porque se puede muy bien decir que todo proyecto presupone una idea de valor. **Se puede decir que el proyecto (...) busca realizar el valor dentro del horizonte de la existencia y no más allá de este.**” (ARGAN, 1993)

Las palabras de Argan en la revista “Caramelo”, publicación académica de la FAU/USP, aún suenan actuales. ¿Cuáles son los desafíos de transformar los deseos palpables, utopías tangibles, a través de una estética posible? ¿Cuáles son las herramientas que iniciativas contemporáneas de activistas se apropian de la arquitectura? ¿La enseñanza y el ejercicio de la arquitectura se pueden apropiar? ¿En qué momento las periferias, los bordes, se transforman en centro?

Muchas herramientas están siendo discutidas e implementadas en diversas experiencias en las periferias (territoriales, de conocimiento y de la práctica profesional) de Brasil y el mundo. Aquí hablamos de periferia en el sentido de estar al margen de un sistema institucionalizado, de experiencias que se aprovechan de un espacio móvil, flexible, con una organización informal; espacio vacío que permite que surja el potencial. Sin embargo, ¿dónde la periferia encuentra el centro? ¿Cuándo y cómo tales prácticas situadas al margen del sistema formal pueden ser apropiadas y cambiar el formato institucional? ¿Cómo concientizar sobre la importancia de abrir un margen de error, un espacio de experimentación abierto al riesgo y a la posibilidad de errores – pero también a descubrimientos durante el proceso? Este es el desafío que nos propusimos en esta serie de encuentros.

En el seminario de São Paulo el formato del evento priorizó las conversaciones y las relaciones entre las personas, apostando a los afectos y el cuerpo a cuerpo como forma de construir una historia y multiplicar narrativas descolonizadoras. El proceso de elección de los invitados, más allá de sus temáticas, fueron resultado de muchos vínculos y encuentros de cocreación con

crítica sobre a existência, e supor qualquer coisa de diferente e evidentemente melhor. Eis porque se pode muito bem dizer que todo o projeto pressupõe uma ideia de valor. **Pode-se dizer que o projeto (...) procura realizar o valor dentro do horizonte da existência e não além deste.**” (ARGAN, 1993)

As palavras de Argan, publicadas pela Revista Caramelo, publicação acadêmica da FAUUSP, ainda soam atuais. Quais os desafios de tornar desejos palpáveis, utopias tangíveis, através de uma estética do possível? Quais as ferramentas de que iniciativas contemporâneas ativistas se apropriam e de que o ensino e a prática corrente da arquitetura podem se apropriar? Em que momento as periferias se tornam centro?

Muitas ferramentas estão sendo discutidas e implementadas em diversas experiências nas periferias (territoriais, do conhecimento e da prática profissional) do Brasil e do mundo. Diz-se, aqui, periferia, no sentido de estar à margem do sistema institucionalizado, experiências que se aproveitam de um espaço de mobilidade, flexibilidade, organização menos formal; espaço vazio que permite que emergja potencial. No entanto, onde a periferia encontra o centro? Quando e como tais práticas situadas à margem do sistema formal podem ser apropriadas e mudar o formato institucional? Como se conscientizar da importância de abrir uma margem de erro, espaço de experimentação, aberto ao risco e à possibilidade de falha — mas, também, de descobertas através do processo? É a este desafio que nos propusemos nesta série de encontros.

No Seminário em São Paulo, o formato do evento priorizou a linguagem oral e a relação entre as pessoas, apostando nos afetos e corpo a corpo, como forma de construir História e multiplicar narrativas descolonizadoras. O processo de escolha dos convidados, além das próprias temáticas, foi resultado de muitas tessituras de vínculos e encontros de cocriação com

diferentes actores de los territorios y comunidades – arquitectos, urbanistas, gestores, artistas, educadores y activistas. Criterios como diversidad de puntos de vista, edad, género y compromiso práctico con la temática fueron muy importantes para la elección de los participantes, pues el evento culminó en un encuentro de personas integrantes de grupos y movimientos de todo el país y Latinoamérica de espacios que viven estos desafíos en su cotidianidad: Quilombaque Perus, Teatro de Contêiner y Casa del Pueblo.

Además, durante el proceso de creación del encuentro, se fue creando un léxico común, una gramática y definición con algunos conceptos claves que ayudaron a crear un molde para analizar y entender algunas prácticas relacionadas entre sí dentro del contexto propuesto de construcción de una arquitectura para la autonomía y de la activación de territorios educadores. Al entablar una visión común, provocamos también movilizar una pauta del derecho a la ciudad y derechos de existencia de la diversidad desde una agenda amplia que conecta otras posibilidades de modos de vida que llevan a considerar propuestas y cuestionamientos traídos por el movimiento negro, la cultura viva y el rescate de la ancestralidad indígena, la permacultura, el eco social, el de vivienda y la lucha por la tierra.

Pautas que cuestionan el status quo del modo de vida capitalista, de la acumulación, del neoliberalismo, privatización y el individualismo que proponen una descolonización del imaginario y de los modos de vida tienen en común una idea de **buen vivir** (ACOSTA 2016). Estos movimientos ciudadanos crían **infraestructuras sociales** (FOSTER, IAONE 2016) de abajo hacia arriba: espacios de cuidado y apoyo mutuo (LGBT, mujeres, inmigrantes, población en situación de calle, personas con problemas de salud mental, niños, adolescentes) en los que las personas luchan por su derecho de existencia amplificando sus voces y ocupando otros espacios en la ciudad. Verdaderos quilombos urbanos: espacios de libertad y (r)existencia (ARRUDA 2014), autonomía y comunidad que proponen una vida en que hay pertenencia,

diversos atores — dos territórios e comunidades, arquitetos(as), urbanistas, gestores (as), artistas, educadores(as) e ativistas. Critérios como diversidade dos lugares de fala, idade, gênero e engajamento prático com a temática foram chave na escolha dos participantes, culminando em um encontro de pessoas integrantes de grupos e movimentos de todo o País e América Latina — em espaços que justamente vivem esses desafios no seu cotidiano: Comunidade Cultural Quilombaque, Teatro de Contêiner Mungunzá e Casa do Povo.

Além disso, ao longo do processo de tessitura do encontro, foi-se criando um léxico comum, uma gramática e definição de alguns conceitos-chave, que ajudam a criar uma moldura para analisar e entender algumas práticas em relação entre si, dentro do contexto proposto da construção de uma arquitetura para autonomia e da ativação de territórios educadores. Ao produzirmos uma visão comum, provocamos também visibilizar pautas de direito à cidade e direitos de existência da diversidade (de humanos e não humanos) desde uma agenda ampla, conectando outras possibilidades de modos de vida que levem em consideração propostas e questionamentos trazidos pelo movimento negro, cultura viva e resgate da ancestralidade, indígena, permacultural, ecossocialista, de moradia e luta por terra.

Pautas que questionam o status quo do modo de vida capitalista, da acumulação, do neoliberalismo, privatização, individualismo, para propor uma descolonização do imaginário e dos modos de vida que têm em comum uma ideia de **bem viver** (ACOSTA, 2016). Tais movimentos cidadãos criam **infraestruturas sociais** (FOSTER, IAIONE, 2016) de baixo para cima: espaços de cuidado e apoio mútuo (LGBT, de mulheres, imigrantes, população em situação de rua, saúde mental, crianças e adolescentes...), lutando pelo seu direito de existência, amplificando suas vozes e ocupando outros espaços na cidade. Verdadeiros quilombos urbanos: espaços de liberdade e (r)existência (ARRUDA, 2016), autonomia e

corresponsabilidad, solidaridad y biodiversidad.

¿Cómo reconocer y valorar estos espacios y sus experiencias de aprendizaje? ¿Qué historias cargan estos espacios comunitarios? ¿Cuáles son las herramientas utilizadas para generar conocimiento y narrativas colectivas a partir de la experiencia? ¿Cómo hacer una descolonización del imaginario al conectar personas de diversos territorios en una lucha común? ¿Cómo activar territorios educadores? ¿Cómo cocrear y coproducir la ciudad?

La urgencia de este debate se impone en un contexto de reiteradas prácticas contra derechos humanos, civiles y democráticos en São Paulo, Brasil y el mundo, pues cada día existen más movimientos opuestos a las iniciativas comunitarias y de derechos humanos. Al discutir una arquitectura para la autonomía, traemos como pauta el derecho a la ciudad, la necesidad de desarrollar la capacidad de resiliencia de las comunidades y la necesidad de elaborar estrategias y herramientas de coproducción y gestión compartida de la ciudad.

Frente a este escenario contemporáneo, buscamos contribuir a un proceso de autonomía que pasa por la **concientización** (FREIRE 1999) apoyando ciudadanos de los más diversos contextos en el desarrollo de una mirada crítica sobre la realidad y su comprensión como sujeto activo en su transformación. Aprender con el hacer integrando el pensar, producir nuevos significados y compartir valores, de este modo se tornan visibles las contradicciones que vienen junto con la prefiguración de otros mundos posibles en el mundo real y vivido. Aún así es necesario tener coraje para enfrentar estos desafíos.

comunidade, propondo uma vida em que haja pertencimento, corresponsabilidade, solidariedade, biodiversidade.

Como reconhecer e valorizar estes espaços e as experiências de aprendizagem que neles acontecem? Que histórias estes espaços comunitários carregam? Quais as ferramentas utilizadas para produzir conhecimento e narrativas coletivas a partir da experiência? Como praticar uma descolonização do imaginário, conectando pessoas de diversos territórios em uma luta comum? Como ativar territórios educadores? Como cocriar e coproduzir a cidade?

A urgência deste debate está inserida em um contexto de recorrentes práticas contra direitos humanos, civis e democráticos em São Paulo, no Brasil e no mundo: a cada dia, existem mais movimentos contrários às iniciativas comunitárias e de direitos humanos. Ao discutir uma arquitetura para a autonomia, trazemos à pauta o direito à cidade, a necessidade de desenvolver a capacidade de resiliência das comunidades, e de elaboração estratégias e ferramentas de coprodução e gestão compartilhada da cidade.

Diante do cenário contemporâneo, buscamos contribuir para um processo de autonomia que passa pela conscientização (FREIRE, 1999), apoiando cidadãos dos mais diversos contextos no desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade e do seu entendimento como sujeitos ativos em sua transformação. Aprender com o fazer, integrando pensar e agir, produzindo novos significados e valor compartilhado. Desta forma, tornam-se visíveis as contradições que vêm junto com a prefiguração de outros mundos possíveis dentro do mundo real e vivido, mas é preciso ter coragem para enfrentar este desafio.



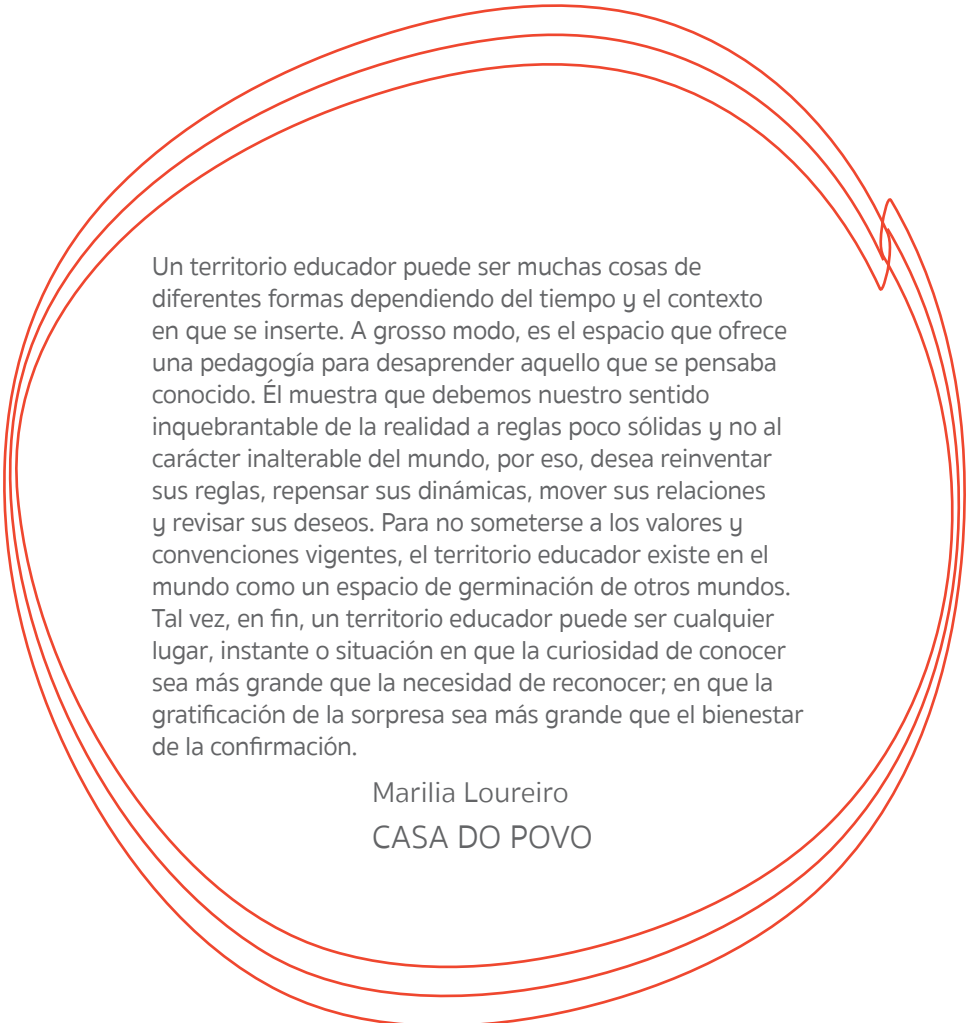
Detalhe roda de Jongo, na Comunidade Cultural Quilombaque
Detalle de la rueda de Jongo en la Comunidad Cultural Quilombaque



Bate Papo, na Comunidade Cultural Quilombaque
Conversación en la Comunidad Cultural Quilombaque

CARTOGRAFÍAS

¿Que és un territorio educador?

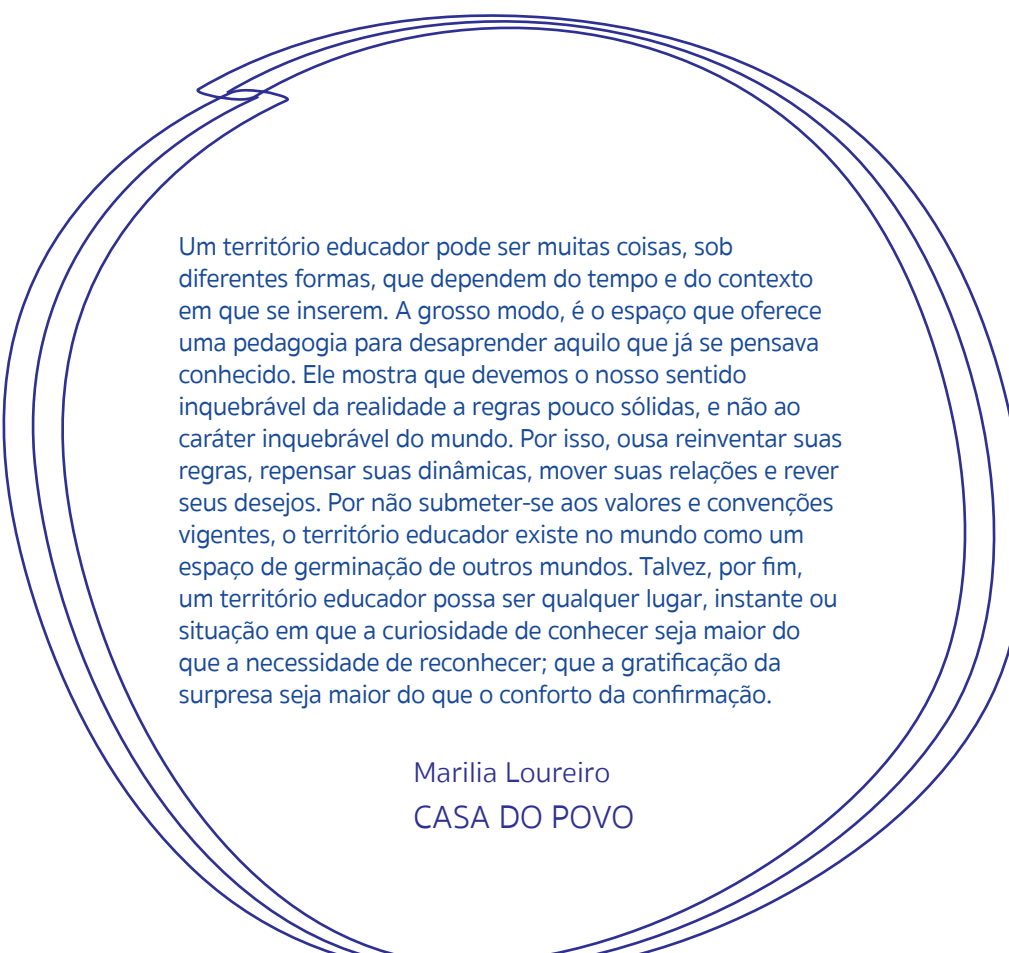


Un territorio educador puede ser muchas cosas de diferentes formas dependiendo del tiempo y el contexto en que se inserte. A grosso modo, es el espacio que ofrece una pedagogía para desaprender aquello que se pensaba conocido. Él muestra que debemos nuestro sentido inquebrantable de la realidad a reglas poco sólidas y no al carácter inalterable del mundo, por eso, desea reinventar sus reglas, repensar sus dinámicas, mover sus relaciones y revisar sus deseos. Para no someterse a los valores y convenciones vigentes, el territorio educador existe en el mundo como un espacio de germinación de otros mundos. Tal vez, en fin, un territorio educador puede ser cualquier lugar, instante o situación en que la curiosidad de conocer sea más grande que la necesidad de reconocer; en que la gratificación de la sorpresa sea más grande que el bienestar de la confirmación.

Marilia Loureiro
CASA DO POVO

CARTOGRAFIAS

O que é um território educador?



Um território educador pode ser muitas coisas, sob diferentes formas, que dependem do tempo e do contexto em que se inserem. A grosso modo, é o espaço que oferece uma pedagogia para desaprender aquilo que já se pensava conhecido. Ele mostra que devemos o nosso sentido inquebrável da realidade a regras pouco sólidas, e não ao caráter inquebrável do mundo. Por isso, ousa reinventar suas regras, repensar suas dinâmicas, mover suas relações e rever seus desejos. Por não submeter-se aos valores e convenções vigentes, o território educador existe no mundo como um espaço de germinação de outros mundos. Talvez, por fim, um território educador possa ser qualquer lugar, instante ou situação em que a curiosidade de conhecer seja maior do que a necessidade de reconhecer; que a gratificação da surpresa seja maior do que o conforto da confirmação.

Marília Loureiro
CASA DO POVO

Territorio educador es un ambiente que proporciona la convivencia, el aprendizaje en la dimensión de la relación del sujeto, lo que el territorio ofrece incluso en las pequeñas acciones, como por ejemplo, donde las personas comen banana y la cáscara en lugar de ser basura, es reutilizada para cocinar un strogonoff.

Aunque no sea una práctica cotidiana en casa, la praxis en este ambiente motiva a la persona a pensar y revisar sus hábitos. Al verse en este proceso, aprenden con él y multiplican en otros espacios.

ESPAÇO CULTURAL
JARDIM DAMASCENO

Un territorio es lo que sus habitantes son y desean. Humanos, todos somos aprendices, somos lo que aprendemos a ser. Según nuestra concepción, territorio educador es una idea firme que promueve la pertenencia e identidad en un espacio físico, articula condiciones objetivas y subjetivas, reales e imaginarias, circunstancias socioexistenciales, dificultades y potencialidades, afectos, memoria, historias, bienes patrimoniales, arte, cultura y educación junto con el medio ambiente tramando y tejiendo sueños, deseos de un lugar, una vida y un vivir. Porque otra ciudad es necesaria y es posible. La estamos haciendo.

COMUNIDADE CULTURAL
QUILOMBAQUE

Território educador é um ambiente que proporciona a convivência, aprendizado na dimensão da relação do sujeito, o que o território oferece até mesmo nas pequenas ações; por exemplo, o espaço onde as pessoas comem bananas e a casca, ao invés de ser jogada no lixo, é reutilizada para cozinhar um estrogonofe.

Mesmo não sendo uma prática cotidiana em casa, a prática neste ambiente mobiliza a pessoa a pensar e rever seus hábitos. Ao se ver neste processo e aprender com ele, o multiplica-o em outros ambientes.

ESPAÇO CULTURAL JARDIM DAMASCENO

Um território é o que seus viventes são e desejam. Humanos, todos somos seres aprendentes, somos o que aprendemos ser. Em nossa concepção, Território Educador é uma ideia-força, que, num recortado espaço físico, promove o pertencimento e a identidade, articulando condições objetivas e subjetivas, reais e imaginárias, circunstâncias socioexistenciais, dificuldades e potencialidades, afetos, memória, histórias, bens patrimoniais, arte, cultura, educação e o meio ambiente, tramando e tecendo sonhos, desejos de um lugar, de uma vida e de um viver. Porque uma outra cidade é necessária e é possível, estamos fazendo-a.

COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE

¿Cómo activar territorios educadores? proyectos | procesos

Durante el seminario se realizó una cartografía de territorios educadores con el fin de crear un panorama de espacios activados por comunidades que se expanden más allá de sus muros físicos: espacios abiertos, con un compromiso social que, mediante la necesidad, hacen brotar la creatividad y originalidad para pensar soluciones y formas de organización autónoma.

Espacios que con el tiempo se transforman en lugares experimentados, donde se da la construcción física, pero también y principalmente una construcción simbólica, de pertenencia, identidad, de lucha por el derecho a otras formas de existencia. ¿Cuál es la capacidad de resiliencia de estos grupos para delimitar sus territorios frente a las diversas disputas (con el gobierno, el mercado)? ¿Cuáles son las articulaciones necesarias para protegerlos?



Como ativar territórios educadores? projetos | processos

Ao longo do processo do Seminário, foi realizado um mapeamento de territórios educadores, buscando criar um panorama de espaços ativados por comunidades, que se expandem para além dos seus muros físicos: espaços abertos, com um compromisso social, que, através da necessidade, fazem emergir a criatividade e originalidade para pensar soluções e formas de organização autônomas.

Espaços que, no tempo, tornam-se lugares praticados, onde se dá a construção física, mas, também e principalmente, uma construção simbólica, de pertencimento, identidade, de luta pelo direito a outras formas de existência. Qual a capacidade de resiliência destes grupos para demarcar seus territórios diante de diversas disputas (com o governo, o mercado) e quais as articulações necessárias para protegê-los?

Los aspectos que estimularon la cartografía de estos espacios están basados en la investigación de políticas públicas de descentralización de poder y radicalización de la democracia: ¿cómo los espacios y movimientos ciudadanos pueden ser valorados y reconocidos por las infraestructuras sociales que provienen de la ciudad y la sociedad?

Para esto, las más diversas cuestiones están siendo estudiadas: la motivación inicial, el grado de institucionalización actual (la posición entre lo público y lo privado), el carácter de los usos y actividades allí fomentadas, las duplicaciones de esa iniciativa en el barrio y en otros grupos, las formas de organización y cooperación (las estructuras de comunicación, de gobierno, acción política y cuidado – en diversas escalas), las potencialidades y desafíos y las estrategias y tácticas para enfrentarlos.

Aspectos que instigaram a cartografia destes espaços baseiam-se na investigação de políticas públicas de descentralização de poder e radicalização da democracia: como os espaços e movimentos cidadãos podem ser valorizados e reconhecidos pelas infraestruturas sociais que proveem a cidade e a sociedade?

Para isso, as mais diversas questões estão sendo estudadas: a motivação inicial, o grau de institucionalização atual (o posicionamento entre o público e o privado), o caráter dos usos e atividades ali promovidas, os desdobramentos desta iniciativa no bairro e em outros grupos, as formas de organização e cooperação (as estruturas de comunicação, governança, ação política e cuidado — em diversas escalas), as potencialidades e desafios, e quais as estratégias e táticas para enfrentá-los.

ESPAÇO CULTURAL -
JD. DAMASCENO

TERRITÓRIO DE INTERESSE -
DA CULTURA E DA PAISAGEM

QUILOMBAQUE

ASSENTAMENTO -
IRMÃ ALBERTA -
ROD. ANHANGUERA

QUILOMBO SAMBAQUI

TERRITÓRIO JARAGUÁ

CASA DO POVO

OUIDOR 63

OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

SEM MUROS ARQ. INTEGRADA

BATATAS JARDINEIRAS

CANTEIRO EXPERIMENTAL

DIVERSITAS

VL. NOVA ESPERANÇA

OUTROS URBANISMOS

HORTA DI GUETO

TERRITÓRIO DO POVO

PDC - CURSOS DE DESIGNAÇÃO -
PERMACULTURAL

PASSEIO JD. NAKAMURA

PEQUENINOS DA 2

QUILOMBO DA PARADA

TEATRO DE CONTÊINER

TUOV

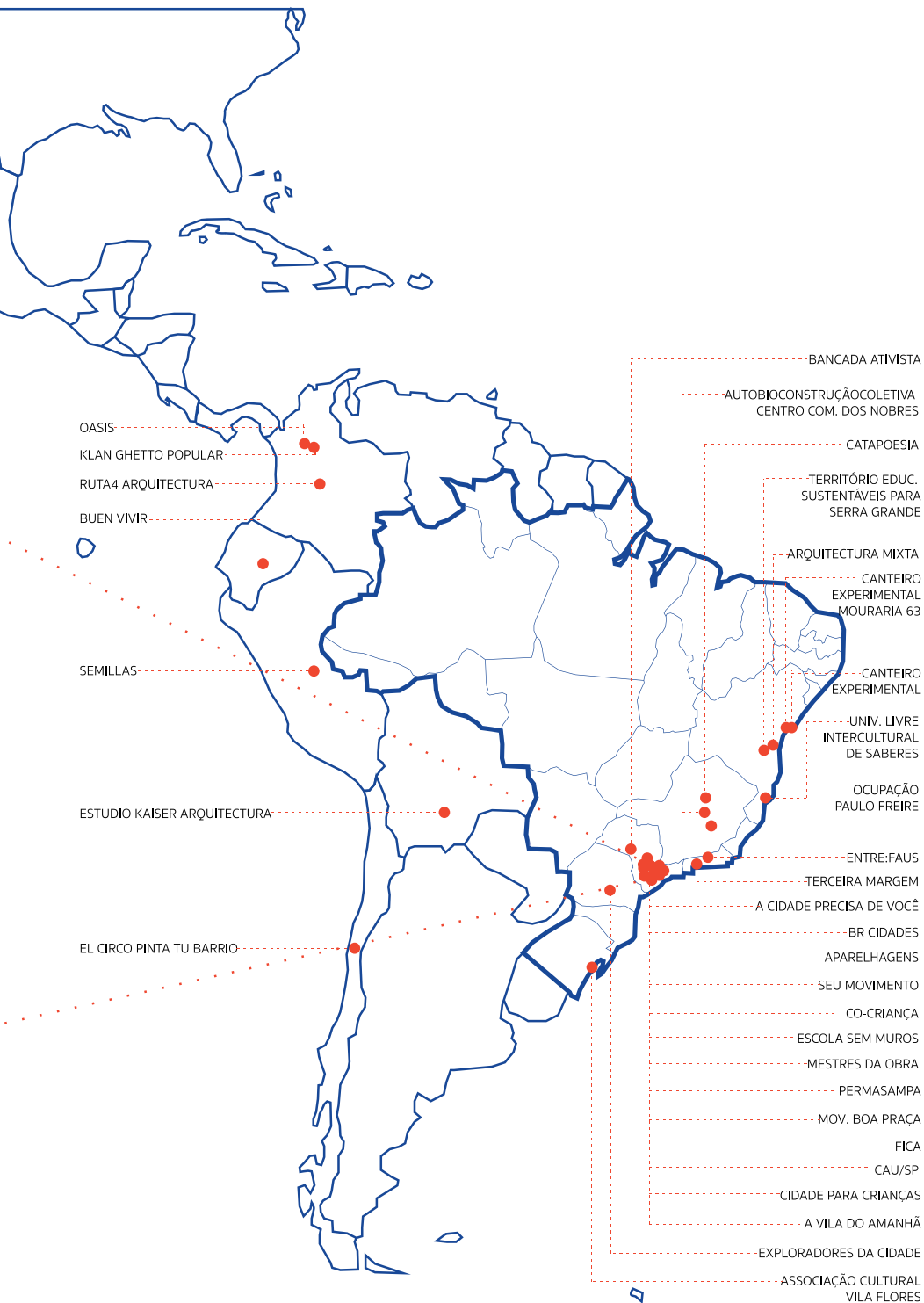
TEATRO CONTADORES
DE MENTIRAS - .SUZANO

LUGARES DE INTERAÇÃO
IAB SP

GOMA OFICINA
SASP

CASA ECOATIVA -ILHA DO BORORÉ

UNIGRAJA



RODAS DE CONVERSA

Quatro rodas de conversa reuniram pessoas de diversos coletivos, movimentos, espaços autônomos e arquitetos(as) para apresentarem as estratégias e ações realizadas para cultivar e proteger os territórios educadores em que estão envolvidos. Terra e Território, Inversão do Olhar, Conectando Saberes e Bem Viver a Cidade debateram sobre aspectos da construção de autonomia desde o micro ao macro, desde o subjetivo ao prático. O que se apresenta, a seguir, são diagramas das reflexões que emergiram ao longo dos debates

RUEDAS DE CONVERSACIÓN

Cuatro ruedas de conversación reunieron a distintos colectivos, movimientos, espacios autónomos y arquitectxs con el fin de presentar estrategias y acciones para cultivar y proteger los territorios educadores donde están involucrados. Tierra y Territorio, Inversión de la Mirada, Conectando Saberes y Buen Vivir la Ciudad hablarán sobre aspectos de la construcción de autonomía de micro a macro, desde lo subjetivo a lo práctico. Lo que se presenta a continuación son diagramas de las reflexiones que surgieron de las plenarios.



TEMA CENTRAL DA MESA

QUESTÕES CENTRAIS
DO TEMA PROPOSTO



QUESTÕES
LEVANTADAS
NO DEBATE



AÇÃO /
ATIVIDADE



PRINCÍPIO /
ESTRATÉGIA



PRINCÍPIO /
ESTRATÉGIA



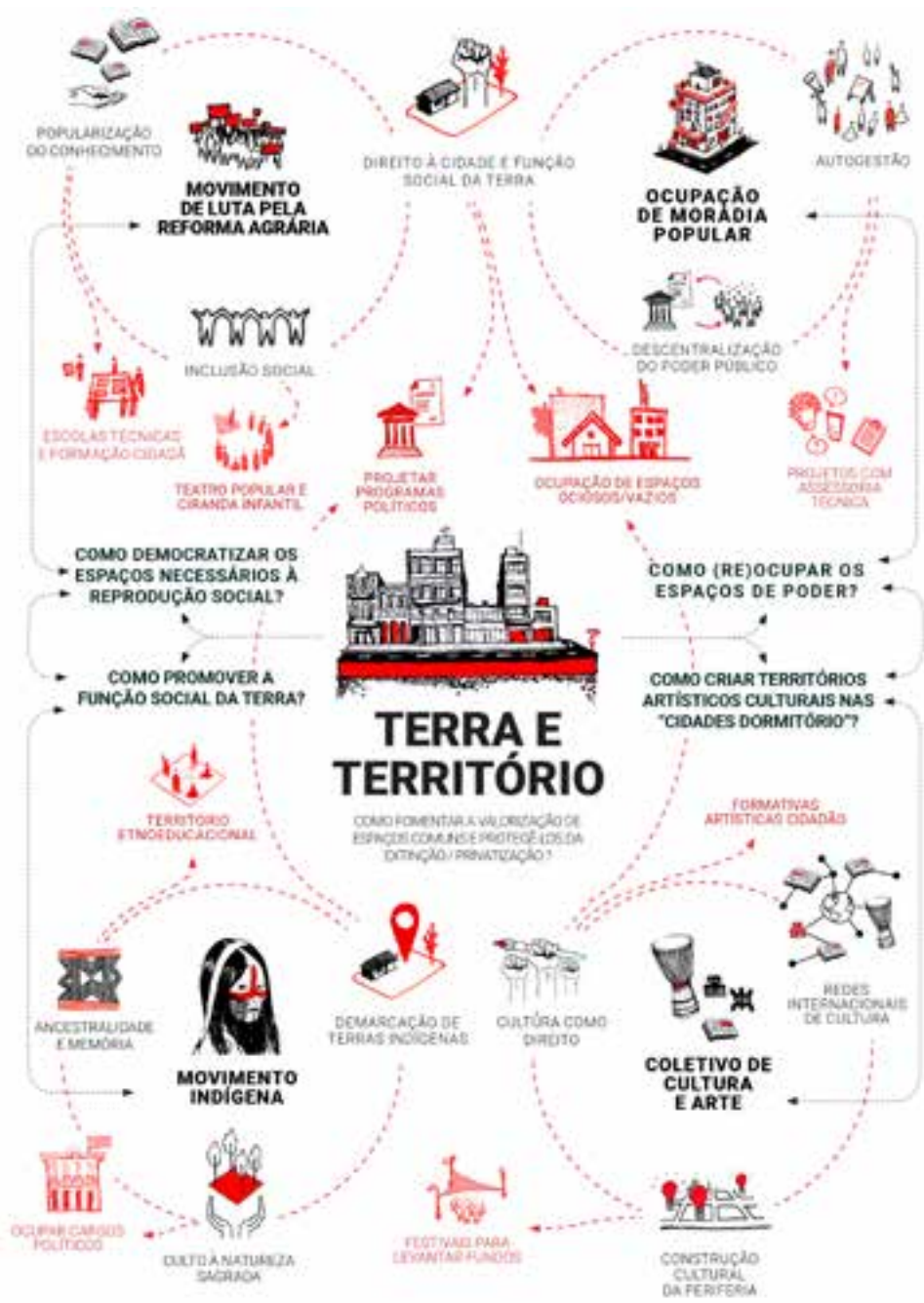
CONVIDAD@





Integrantes da mesa Terra e Território: Laura Maringoni, Carmem Ferreira, Chirley Pancará, Daniele Santana e Maria Alves, no Teatro de Contêiner Mungunzá

Integrantes de la charla Tierra y Territorio: Laura Maringoni, Carmen Ferreira, Chirley Pancará, Daniele Santana y Maria Alves en el Teatro de Contêiner Mungunzá



TIERRA Y TERRITORIO

Disputas y demarcación de territorios autónomos

Desde las manifestaciones de junio de 2013, se vive un proceso que retoma la noción de público en Brasil y en especial en las metrópolis como São Paulo. En un contexto de especulación inmobiliaria en una ciudad mercantilizada, donde espacios y servicios públicos son atravesados por una intención de acumulación de capital, en una realidad en que el poder público es solo poder (nada tiene de interés público) es posible percibir un movimiento creciente de reapropiación de los espacios de la ciudad por parte de actores antes invisibles o invisibilizados. Un movimiento legítimo que se apropia de espacios muchas veces abandonados o vacíos calificándolos, activándolos, atribuyendo a estos bienes una función social.

Además de fertilizar estos espacios transformándolos en lugares prácticos, estas iniciativas rebeldes acreditan otra función: no tienen que ver con la posición, comercialización, individualización o exclusión, pero sí con la solidaridad, cuidado, pertenencia – a la comunidad, al lugar. Por lo tanto, históricamente hablando, estas organizaciones sociales son criminalizadas o estigmatizadas por los grandes medios o por la sociedad en sí.

Es urgente que comencemos a abrir los ojos y los brazos: hay que escuchar lo que surge, reconocer el valor que tienen estos deseos, abrazar estas manifestaciones y proteger estos territorios socioculturales de recreación, estilos de vida y relaciones. Es fundamental la limitación de las tierras públicas, comunes: es un derecho y deber de todos preservar y cuidar para que no se extingan ni sean exploradas o mercantilizadas. ¿Cómo preservar y proteger territorios comunitarios en disputa?

TERRA E TERRITÓRIO

Disputas e demarcação de territórios autônomos

Desde as manifestações de 2013, vive-se claramente um processo de retomada da noção de público no Brasil e, em especial, nas metrópoles, como São Paulo. Em um contexto de especulação e de uma cidade mercantilizada, onde espaços, assim como serviços públicos, passam a ser atravessados pela intenção de acumulação de capital, e diante de uma realidade em que o poder público é somente poder (nada tem de interesse público), é possível perceber um movimento crescente de reapropriação dos espaços da cidade por parte de atores antes invisíveis ou invisibilizados. Um movimento legítimo, que se apropria de espaços muitas vezes abandonados ou “vazios”, qualificando-os, ativando-os, atribuindo a esses bens uma função social.

Além de fertilizar tais espaços, tornando-os lugares praticados, estas ações insurgentes qualificam uma outra relação, que não passa pela posse, comercialização, individualização e exclusão, mas, sim, pela solidariedade, pelo cuidado, pelo pertencimento — à comunidade que se cria ali, ao lugar. No entanto, historicamente também, tais organizações sociais são criminalizadas ou estigmatizadas — pela grande mídia ou por parte da sociedade em geral.

É urgente que comecemos a abrir os olhos e os braços; escutar o que emerge, reconhecer o valor que pulsa nesses desejos, acolher tais manifestações e proteger estes territórios socioculturais de reinvenção de formas de vida e relação. É fundamental a demarcação da terra pública, comum — que é direito de todos e dever de todos preservar e cuidar para que não seja extinta, explorada ou mercantilizada por alguns. Como preservar e proteger tais territórios comunitários em disputa?

OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

Carmen Ferreira

No se puede tener territorios sin función social: lo judicial protege y especula propiedades, pero no protege a la vida humana. La cuestión territorial es una cuestión de inclusión: ocupar el territorio es necesario, pero para eso es preciso tener pueblo. Necesitamos diversidad en todos los sectores y clases sociales, por eso el movimiento tiene estrategias de red y prácticas de descentralización del poder público, con el fin de articular y proyectar políticas públicas. El orden del movimiento es el desorden del sistema. Ellos creen que todos los movimientos tienen que abrir las puertas para que el mundo vea, entre y se acerque. No podemos encerrarnos: necesitamos de todos, que cada uno aporte lo que pueda.

ASSENTAMENTO IRMÃ ALBERTA

Maria Alves

La tierra es tierra, y el territorio es la lucha del asentamiento – donde la gente pueda vivir y producir. El MST (Movimento Sem Terra) surge por aquellas personas en el margen que vienen a la ciudad a buscar mejores condiciones de vida (“el campo atrasado y la ciudad evolucionada”) y terminan yendo a la periferia – por falta de acceso y analfabetismo. Las personas que tienen capacidad de asumir integran el movimiento y realizan trabajos en el entorno de la ciudad. Trabajan por la democratización de los espacios, por el derecho a vivir, a trabajar y por la función social de la tierra y de la propiedad en la ciudad y en el campo. Los integrantes hacen militancia en varios aspectos, no huyen del enfrentamiento; por ejemplo, hay un proyecto para un vertedero en la región, pero los gobiernos se resisten al no legalizar el asentamiento – la tierra es buena, posee recursos naturales que necesitan ser preservados y el movimiento tiene una propuesta a favor de la tierra. Para afianzarse en el territorio, usan estrategias para justificar su presencia – asociaciones con universidades, sindicatos, grupos de consumo, proyectos como la escuela Técnico Agroecológica, la construcción del teatro popular y de danza, el “Sin Tierritas” – escuelas de formación ciudadana, cursos de graduación (pedagogía, derecho, artes, historia...)

OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

Carmen Ferreira

Não se pode ter territórios sem função social. O Judiciário protege e especula propriedades, mas não protege a vida humana. A questão territorial é uma questão de inclusão; ocupar o território é necessário, mas, para isso, é preciso ter povo. Precisamos de diversidade, todos os setores e classes sociais; por isso, o movimento tem estratégias de rede e pratica a descentralização do poder público ao articular e projetar políticas públicas. A ordem do movimento é a desordem do sistema. Acreditamos que todos os movimentos têm que abrir as portas para o mundo ver, entrar, se aproximar. Não podemos nos emparedar. Precisamos de todos, cada um trazendo o que pode.

ASSENTAMENTO IRMÃ ALBERTA

Maria Alves

A terra é terra, e o território é a luta no assentamento — um lugar onde as pessoas possam viver e produzir. O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) surge através de pessoas que ficaram à margem e vêm para a cidade em busca de melhores condições de vida (“o campo atrasado e a cidade evoluída”) e acabam indo para a periferia — por falta de acesso e analfabetismo. As pessoas que têm capacidade de assumir entram e integram o movimento, realizando ocupações de terras no entorno da cidade. Ocupam pela democratização dos espaços, pelo direito de morar e trabalhar e pela função social da terra e da propriedade, na cidade e no campo. Fazem militância em vários aspectos, não fogem do enfrentamento: há um projeto para um lixão na região, os governos resistem em não legalizar o assentamento. Porém, é terra boa, possui recursos naturais que devem ser preservados, e o movimento apresenta uma proposta de comuna da terra. Para se fixar no território, usam de estratégias para justificar sua presença — parcerias com universidades, sindicatos, grupos de consumo, projetos como a escola técnica agroecológica, a construção do teatro popular e a ciranda infantil, o “sem terrinhas” - escolas sem formação cidadã, o EJA (escola de jovens e adultos), cursos de graduação (Pedagogia, Direito, Artes, História)...

TEATRO CONTADORES DE MENTIRA

Daniela Santana

El territorio es físico, pero no solo eso: el grupo lucha por la cultura como un derecho al promover formaciones artísticas ciudadanas y discutir que la ciudad es la ocupación de espacios de ocio. Durante un festival se construyó un espacio físico: a partir de una gran divulgación y movilización de redes nacionales e internacionales, el área se ocupó por un mes con diversas actividades. Entonces el alcalde liberó la concesión del área de uso precario por 5 años. 32 colectivos de arte y cultura pasarán por allí en un año. Estar en este espacio significa una protección y la posibilidad de creer que es posible permanecer en su territorio y no producir un éxodo: transformar nuestro mundo nosotros mismos, empoderarnos del territorio (no solo el periférico)

BANCADA ATIVISTA

Chirley Pankará

Militante del movimiento indígena, de la lucha por la demarcación y del feminismo, Chirley es parte de la Bancada Activista conformada por 9 activistas con una bancada de diputado federal colectiva y diversos defensores de los derechos humanos, profesoras, educadoras, madres... “Necesitamos politizar y ocupar estos espacios de poder para poder cambiar la historia política del país – es todo nuestro – todos estos espacios nos pertenecen. Vamos a existir, resistir, ocupar.” Como indígena, la lucha por el territorio, por la ancestralidad, por la memoria – lugares que otras personas invadieron, redujeron sus territorios y tomaron sus tierras. La tierra es sagrada –, nosotros somos de la tierra, ella es la memoria de nuestros ancestros, está cargada de un valor inmaterial tan grande que supera el valor material. Ser indígena es rendir culto a la naturaleza como forma de resistencia y existencia; es respetar los espíritus de las aguas, los bosques, es agradecer y festejar cuando hay agricultura; es celebrar cuando planto y la tierra da; es confiar en el alimento para tratar males del cuerpo y del espíritu – cosas que olvidamos en el día a día. Necesitamos del territorio etnoeducativo bien cuidado para cuidar la relación entre las personas con la cultura y la espiritualidad – una comprensión del territorio más allá de la definición geográfica (relacionada a fronteras y desprendimiento) que el indígena no creó.

TEATRO CONTADORES DE MENTIRA

Daniela Santana

O território é físico, mas não só. O grupo luta pela cultura como direito, promovendo formações artísticas cidadãs e discutindo que a cidade é a ocupação de espaços ociosos. Durante um festival, foi construída uma situação física: a partir de uma ampla divulgação e mobilização das redes nacionais e internacionais, a área foi ocupada por um mês com atividades diversas e, então o prefeito liberou a cessão de área de uso precário por cinco anos. Trinta e dois coletivos de arte e cultura passaram por lá em um ano. Estar lá significa uma defesa e a possibilidade de acreditar que é possível permanecer no seu território e não produzir êxodo; transformar o nosso mundo, nós mesmos, nos empoderarmos do território (não somente periférico).

BANCADA ATIVISTA

Chirley Pankará

Militante do movimento indígena, da luta pela demarcação, do feminismo, Chirley é parte da Bancada Ativista, na qual nove ativistas conformam uma bancada de deputado estadual coletiva e diversa: defensores de direitos humanos, professoras, educadoras, mães... “Precisamos nos politizar e ocupar esses espaços de poder para podermos mudar a história política do País — é tudo nosso, todos esses espaços nos pertencem. Vamos existir, resistir, ocupar.” Como indígena, luta pelo território, pela ancestralidade, pela memória — lugares que pessoas invadiram, reduziram seus territórios e tomaram suas terras. A terra é sagrada — nós somos da terra, ela é memória dos nossos ancestrais, carregada de valor imaterial tão grande que supera o valor material. Ser indígena é cultuar a Natureza como forma de resistência e existência; respeitar os espíritos das águas, das florestas, agradecer e comemorar quando tem lavoura; festejar quando planta e a terra dá; confiar na alimentação para tratar males do corpo e do espírito — coisas que a gente esquece no dia a dia. Precisamos do território etnoeducacional bem cuidado, para cuidar da nossa relação entre as pessoas, com a cultura, espiritualidade — um entendimento de território além da definição geográfica (relacionada a fronteiras e desmembramento) que o não indígena criou.



Público da mesa Inversão do Olhar, no Teatro de Contêiner Mungunzá
Público de la charla Inversión de la Mirada en el Teatro de Contêiner Mungunzá



INVERSIÓN DE LA MIRADA

Descolonización del imaginario y producción colectiva de conocimiento

Cada vez es más frecuente la educación como herramienta del mercado, del capital, de la jerarquización del saber y las culturas. Escuelas enseñan el currículum eurocéntrico con referencias y valores que vienen de afuera con una mirada colonizadora. Considerando los programas pedagógicos que han venido creciendo, ¿cómo pensar en una forma de aprender a través de la cultura viva, popular, cotidiana? ¿Cómo romper las jerarquías del saber académico y empírico, científico y experimentado? ¿Cuál es la función de la academia? Formación de conciencia. Si el intercambio de saberes que ocurre en la academia sucediera en otros territorios, ¿cómo cambiarían las relaciones y nuestras visiones de mundo? ¿Cómo podemos ejercer una forma de descolonizar el imaginario y producir conocimiento colectivo a partir de lo real? Es fundamental que seamos híbridos: rescatar y actualizar nuestra historia y ancestralidad, nuestras prácticas comunes, saberes populares. ¿Cómo crear un tercer lugar de encuentro, de construcción colectiva?

INVERSÃO DO OLHAR

Descolonização do imaginário e produção coletiva de conhecimento

Cada vez mais, a educação vem sendo ferramenta do mercado, do capital, da hierarquização dos saberes e culturas. Escolas que ensinam um currículo eurocêntrico, com referências e valores que vêm de fora, com métricas excludentes e trazendo um olhar colonizador da História. Considerando os programas pedagógicos em voga, como pensar um formato de aprendizagem pautado na cultura viva, popular, cotidiana? Como romper as hierarquias do saber: acadêmico e empírico, científico e experienciado? Qual a função da Academia? Formação de consciência, a troca de saberes que acontece na Academia, se acontecesse em outros territórios, como mudaria as relações e as nossas visões de mundo? Como podemos exercitar uma forma de descolonizar o imaginário e produzir conhecimento coletivamente, a partir do real? É fundamental que possamos ser híbridos: resgatar e atualizar nossa história e ancestralidade, práticas comuns e corriqueiras, saberes populares, e antropofagear o que vem de fora. Como criar um terceiro lugar — de encontro e mistura, de construção coletiva?

SEMILLAS

Giulia Perri

En primer lugar, Semillas busca conocer, entender y sentir el lugar para después generar un intercambio de conocimiento haciendo talleres con la comunidad y por último promover la construcción colectiva de escuelas-educación. Perú es 73% rural, 61% es selva amazónica – Perú es una región diversa no solo en vegetación y relieve, sino también en personas y cultura. Por ende, la arquitectura debe responder a la pluralidad, ser distinta, nativa y rural; debe tener también un rol pedagógico porque precisa deconstruir el imaginario del solo el cemento y la estética de las grandes ciudades es buena. 45% de las escuelas de la región necesitan reforma completa y 95% no tiene servicios básicos como agua y electricidad. En uno de los proyectos se realizó un salón multiuso: la primera vez que nos visitaron para hacer talleres solo se presentaron 30 niños, un año después, en la segunda visita, había 120 niños. En el proceso, las familias se involucraron en distintas etapas, generando autonomía.

ARQUITECTURA MIXTA

Jefferson Cruz

Jefferson ha trabajado alrededor de 10 años con bioconstrucción. Estudió ciencias sociales, empezó trabajando con juguetes de madera, después trabajó para escuelas Waldorf y luego fue para Bahía; salió de la teoría y fue a la práctica. La lógica de bioconstrucción es distinta a la de la construcción civil común donde cada uno trabaja en su especialidad (y muchas veces no se entiende con los otros). En un cantero de obras un poco más humanizado, la creación y capacitación suceden durante el proceso. La comunidad se involucra durante la construcción, como en el Proyecto Baobá (Serra Grande), pues se reconoce la voluntad de intercambiar conocimiento y no el conocimiento previo. La participación de la comunidad es muy importante para que la obra sea pertinente después y no acabe como una construcción solo material, un objeto sin uso y cuidado.

SEMILLAS

Giulia Perri

Primeiro, Semillas busca conhecer, entender e sentir o lugar; depois, para um intercâmbio de conhecimento, faz oficinas com a comunidade; por último, a construção conjunta das escolas — a educação. O Peru é 73% rural, 61% é floresta amazônica — uma região diversa não só em vegetação e relevo, mas também em pessoas e cultura. Assim, a arquitetura deve responder à multiplicidade, ser diferente, nativa e rural; e ter também um papel pedagógico, pois precisa desconstruir o imaginário de que só o concreto e a estética das grandes cidades são bons. 45% das escolas da região precisam de reforma completa e 95% não possuem o básico, como água e eletricidade. Em um dos projetos, fizeram um salão multiuso — na primeira vez que visitaram para oficinas apareceram apenas 30 crianças; um ano depois, na segunda, havia 120 crianças. As famílias envolvem-se em diversas etapas no processo, gerando autonomia.

ARQUITECTURA MIXTA

Jefferson Cruz

Jefferson trabalha há cerca de dez anos com bioconstrução. Estudou ciências sociais. Começou trabalhando com brinquedos de madeira, depois fazendo trabalhos para escolas Waldorf, e foi para a Bahia: saiu da teoria e foi para a prática. A lógica da bioconstrução é diferente da construção civil comum, onde cada um atua na sua especialidade (e muitas vezes não se entende). Em um canteiro de obras um pouco mais humanizado, a criação e a capacitação acontecem no processo. A comunidade é envolvida na construção, como no Projeto Baobá (em Serra Grande, distrito de Valença, Bahia), importando a vontade de trocar conhecimento, não o conhecimento prévio. O envolvimento com a comunidade é muito importante para que haja apropriação depois, não fique uma construção apenas material, um objeto sem uso e cuidado.

CANTEIRO EXPERIMENTAL FAUUSP

Chico Barros

Chico se graduó, realizó una maestría, un doctorado y actualmente está haciendo un posdoctorado en Arquitectura – desde siempre ha pensado en la importancia de la práctica. Necesitamos fusionar los saberes, romper la división social capitalista del trabajo, que es la forma en que la universidad actúa y para la cual forma a las personas. El proceso de la construcción es enorme e involucra muchos ciclos y actores. Las universidades de hoy enseñan solo el comienzo del proceso, el dibujo. La Facultad debería enseñar el proceso completo, del inicio al final. El arquitecto no puede ser el Dios que decide y manda en todo: entender quién va a trabajar en la obra es fundamental, al final, somos todos iguales – y en la obra también debería ser así. En LCC Laboratorio de Críticas Constructivas, cada arquitecto tiene suficiente poder para hacer de la obra un proceso democrático.

UNIVERSIDADE LIVRE INTERCULTURAL DE SABERES

Yacuy Tupinambá

El Levanta Zabelê es un colectivo espiral de personas que buscan romper con algo. El proyecto empezó en 2013 y surge a partir de las percepciones del femenino y de la Madre Tierra: el espacio del útero que alimenta, creador de seres humanos – y de zabelê como un pájaro que vive en colectividad. El espacio de esta universidad debe ser universal, sin muros, sin barreras que permita la escucha; una arquitectura que hable con la Madre Tierra en busca de solidaridad, descolonización, reconexión. Los Tupinambás están en proceso de sanación: todo lo que tenían fue secuestrado, por eso se propone un proceso de ruptura y renacimiento.

CANTEIRO EXPERIMENTAL FAUUSP

Chico Barros

Fez graduação, mestrado, doutorado e, atualmente, está no pós-doutorado em Arquitetura — e desde sempre em um pensar constantemente dedicado à importância da prática. É preciso misturar os saberes, romper a divisão social capitalista do trabalho, que é a maneira que a Universidade atua e para a qual ela forma as pessoas. O processo da construção é enorme e envolve muitos ciclos e atores, as universidades hoje ensinam apenas o início do processo, que é o desenho. A faculdade deveria ensinar o processo completo, do início ao fim. O arquiteto não pode ser o deus que decide e manda em tudo — entender quem irá trabalhar na obra é fundamental. Somos todos iguais, e na obra também deveria ser assim. No LCC - Laboratórios de Críticas Construtivas, cada arquiteto tem muito poder para fazer da obra um processo democrático.

UNIVERSIDADE LIVRE INTERCULTURAL DE SABERES

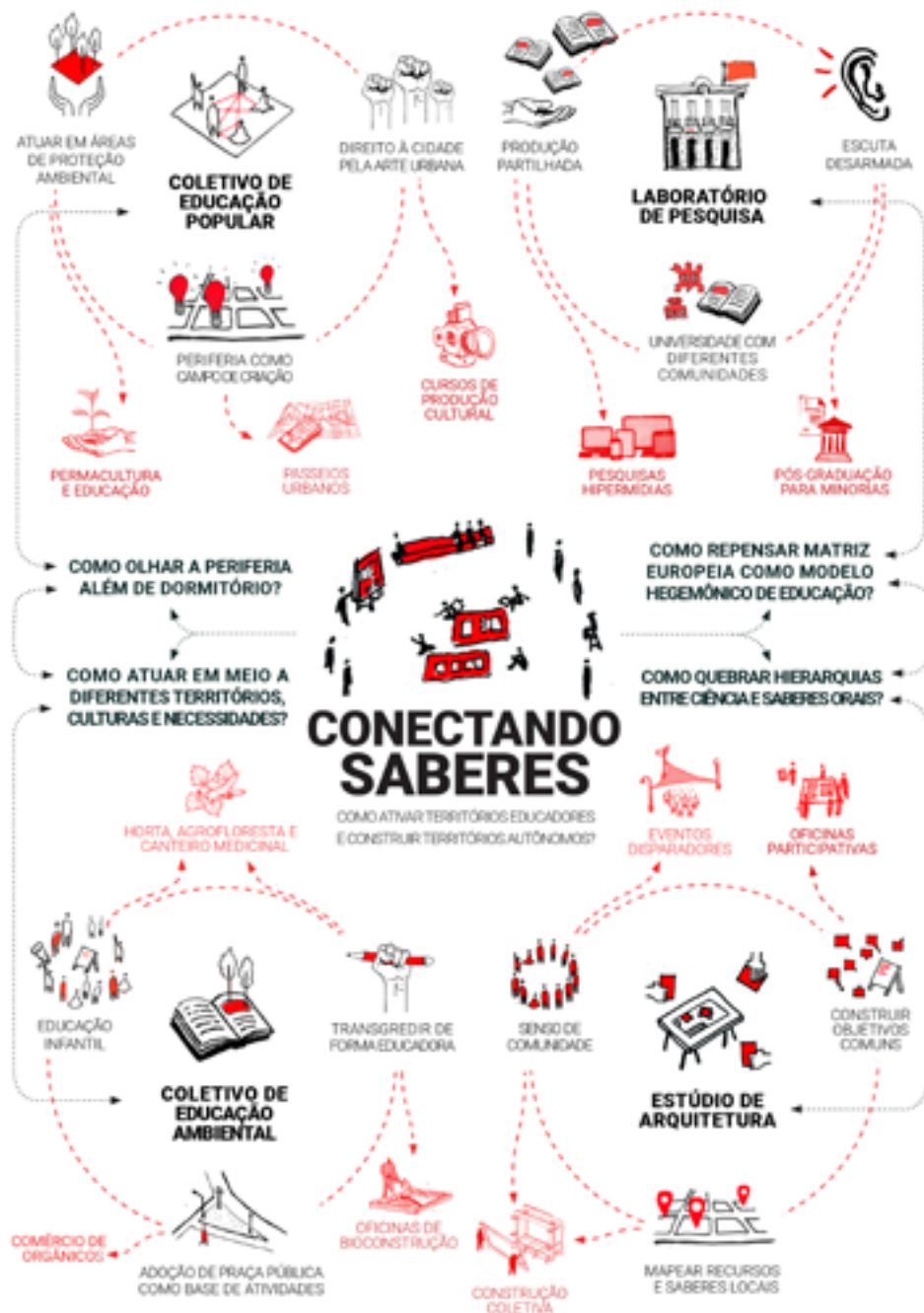
Yacuy Tupinambá

O Levanta Zabelê é um coletivo espiral de pessoas em busca de romper algo. O projeto começou em 2013 e surge a partir de percepções do Feminino e da Mãe Terra, o espaço do útero, que alimenta, gerador de seres humanos; e zabelê é um pássaro que vive em coletividade. O espaço dessa universidade deve ser um espaço universal, sem muros, sem barreiras, que permita a escuta; uma arquitetura que converse com a Mãe Terra, em busca de solidariedade, descolonização, reconexão. Os tupinambás estão em processo de cura — foi sequestrado tudo o que tinham. Por isso, se propõe um processo de ruptura e renascimento.



Integrantes de mesa Conectando Saberes: Fernando Araken, Carol Pires, Jorge Noreña, Enrique Romera (tradutor) e Sergio Bairon, no Teatro de Contêiner Mungunzá

Integrantes de la charla Conectando Saberes: Fernando Araken, Carol Pires, Jorge Noreña, Enrique Romera (intérprete) y Sergio Bairon en el Teatro de Contêiner Mungunzá



CONECTANDO SABERES

Activación de comunidades autónomas e inteligencias colectivas

Más allá de crear espacios de producción colectiva de conocimiento, es fundamental que haya una organización de comunidades autónomas que pueda conectar inteligencias colectivas orientadas en cada uno de los territorios. Actuar en red, posibilitar que los recursos y tecnologías fluyan entre los elementos del sistema – ser conexión de diversos polos, entender el cuerpo, el espacio y la ciudad como territorio educador. ¿Cuáles son las estrategias y tácticas necesarias para que estos territorios sean activados? Todo territorio educa. Para los colectivos, la ciudad puede ser un laboratorio de resiliencia donde se califique su barrio, se rompa la barrera de lo que puede o no puede ser hecho en la periferia, se eduque a los jóvenes para que valoren sus territorios. Son tantas las formas de resistir como las formas de control social para ser cada vez más autónomo. Pero para alcanzar esa autonomía, es necesario pensar siempre en la noción de colectividad. ¿Cómo multiplicar y conectar saberes específicos de cada territorio, promover intercambios entre ellos y la comunidad, con personas que tienen interés de comprender otros modos de habitar?

CONECTANDO SABERES

Ativação de comunidades autônomas e inteligências coletivas

Para além de criar espaços de produção coletiva de conhecimento, é fundamental que haja uma organização de comunidades autônomas, que possa conectar inteligências coletivas investigadas em cada um dos territórios. Atuar em rede, ser micorriza; possibilitar que os recursos e tecnologias fluam por entre os elementos do sistema — ser conexão de diversos nós. Entender o corpo, o espaço e a cidade como território educador. Quais as estratégias e táticas necessárias para que esses territórios sejam ativados? — todo território educa. Para os coletivos, a cidade pode ser um laboratório de resiliência: qualificar o seu bairro, quebrar a barreira do que pode ou não pode ser feito na periferia, educar os jovens para que valorizem os seus territórios. São tantas maneiras de resistir às formas de controle social e de tornar-se cada vez mais autônomo! Mas, para alcançar essa autonomia, é preciso pensar sempre com a noção de coletividade. Como multiplicar e conectar os saberes específicos de cada território, promover trocas entre os territórios, e destas comunidades com pessoas que têm interesse em entender estes outros modos de habitar?

UNIGRAJA

Carol Pires

Empezaron a mirar su propio territorio, Grajaú (Zona Sul de São Paulo), como un territorio de experiencia y educación que puede ser valorado por medio de articulación comunitaria. Gracias a una acción en red proporcionada por la Fundación Varejo, 10 colectivos de la región se juntaron y estructuraron UniGraja: un colectivo que forma a jóvenes a partir de sus conocimientos del territorio. UniGraja empodera jóvenes que pasan a valorar sus territorios y se organizan para producir eventos y difundir la cultura en el barrio.

RUTA 4

Jorge Noreña

En Colombia, la geografía y el conflicto armado afectan mucho a las poblaciones y los territorios. Preocupado por conectar a las personas y crear vínculos hasta en los márgenes, Jorge creó un grupo de Whatsapp para conectarse, configurar estrategias de comunicación y recursos para las comunidades que vivían en barrios periféricos. Ese grupo conectó a más de 300 personas y se configura como un espacio de intercambio para proporcionar acciones y mejoras en las comunidades más vulnerables – involucrando siempre líderes locales, principalmente mujeres y utilizando los recursos del territorio.

UNIGRAJA

Carol Pires

Começaram a enxergar seu próprio território, o Grajaú (extremo Sul da cidade de São Paulo), como um território de vivência e de educação, que pode ser valorizado por meio de articulação comunitária. Graças a uma ação em rede proporcionada pela Fundação Via Varejo, dez coletivos da região juntaram-se e estruturaram a UniGraja: um coletivo que forma jovens a partir dos seus conhecimentos no território. A UniGraja empodera jovens, que passam a valorizar o seu território e se organizam para produzir eventos e espalhar a cultura do bairro.

RUTA 4

Jorge Noreña

Na Colômbia, a geografia e as lutas armadas afetam muito as populações e os territórios. Com a preocupação de conectar as pessoas e de criar vínculos até as margens, Jorge montou um grupo de Whatsapp para configurar estratégias de comunicação e recursos para as comunidades moradoras nos bairros periféricos. Este grupo junta, hoje, mais de 300 pessoas, e se configura como um espaço de troca para proporcionar ações e melhorias nas comunidades mais carentes, envolvendo sempre os líderes locais — notavelmente as mulheres — e utilizando os recursos do território.

HORTA DI GUETO

Fernando Araken

Taboão da Serra (oeste de São Paulo) es un municipio pequeño pero con muchos habitantes que sufre una falta de conexión con la capital (por ejemplo, la tarjeta de bus no tiene integración). Con el objetivo de fomentar la economía solidaria en la periferia, los habitantes se organizaron en un colectivo e hicieron una huerta en una plaza. A pesar de que fue destruida por la Municipalidad, la comunidad volvió a construir la huerta y organizó una feria orgánica con los productos de las comunidades de quilombos lideradas por mujeres del entorno. Hoy, la feria ofrece talleres de bambú y capacita jóvenes del territorio que valoran el Taboão y desarrollan iniciativas en el barrio.

DIVERSITAS FFLCH (USP)

Sérgio Bairon

El Núcleo Diversitas adopta el principio de "producción compartida de conocimiento": no tiene jerarquía entre conocimiento oral y escrito y cada comunidad es legítima para participar en su producción. Cree en la importancia de la transmisión de saberes y en el valor de los saberes "no-académicos", por ejemplo, los Pajés. Con 50% de lugares reservados para negros(as), pardos(as), indígenas y personas transgénero, el núcleo quiere cambiar el universo cultural de la Facultad para garantizar la supervivencia de los saberes no-europeos y los ritos. Para cambiar la sociedad, hay que empezar por cambiar la Facultad, porque es ella la que analiza qué conocimiento es válido.

HORTA DI GUETO

Fernando Araken

Taboão da Serra, a Oeste da Grande São Paulo, é um município pequeno, porém muito povoado, que sofre da falta de conectividade com a Capital (por exemplo, o Bilhete Único não faz integração). Com o objetivo de fomentar a economia solidária na periferia, os moradores organizaram-se em um coletivo e montaram uma horta numa praça. Apesar da sua destruição pela prefeitura, a comunidade reconstruiu a horta e também organizou uma feira orgânica com os produtos de comunidades quilombolas lideradas por mulheres no entorno. Hoje, a feira também oferece oficina colaborativa de bambu e forma os jovens do território, que passam a valorizar o Taboão e desenvolvem iniciativas no bairro.

DIVERSITAS FFLCH (USP)

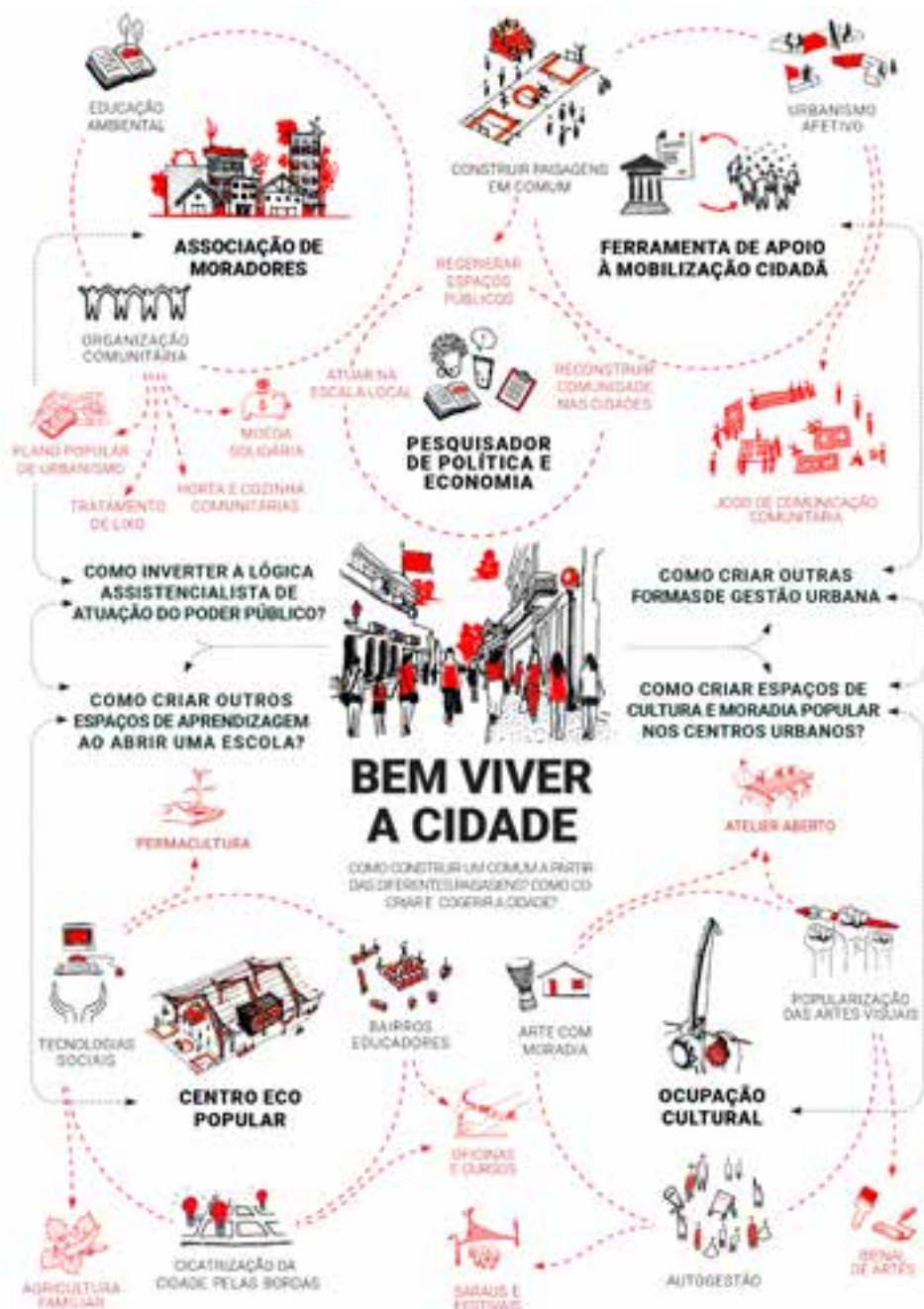
Sérgio Bairon

O Núcleo Diversitas adota o princípio de “produção partilhada de conhecimento”: não há hierarquia entre conhecimento oral e escrito, e cada comunidade é legítima para participar na produção do conhecimento. Acredita na importância da transmissão dos saberes e na valorização dos saberes “não-acadêmicos” — dos pajés, por exemplo. Com 50% de cotas para negros(as), pardos(as), indígenas e pessoas transgênero, o Núcleo quer mudar o universo cultural da faculdade para garantir a sobrevivência dos saberes não-europeus e dos ritos indígenas. Para mudar a sociedade, tem que começar por mudar a faculdade, pois é ela que analisa qual conhecimento é válido ou não.



Integrantes da mesa Bem Viver a Cidade: Jaison Lara, Moara Brasil, Francina Buonanotte, Euler Sanderville, Alberto Acosta e Leslie Cohen (intérprete) no Teatro de Contêiner Mungunzá

Integrantes de la charla Buen Vivir la Ciudad: Jaison Lara, Moara Brasil, Francina Buonanotte, Euler Sanderville, Alberto Acosta y Leslie Cohen (intérprete) en el Teatro de Contêiner Mungunzá



BUEN VIVIR LA CIUDAD

Creando un paisaje común

“El buen vivir se refiere a la vida en pequeña escala, sustentable, equilibrada, como medio necesario para garantizar una vida digna para todos y la propia sobrevivencia de la especie humana y del planeta. El fundamento son las relaciones de producción autónomas, renovables y autosuficientes.” (ACOSTA, 2010)

Ser parte y no vivir aparte (hay indígenas que puntúan el **desvinculamiento** como el gran mal de la sociedad contemporánea – la alienación de los ciclos naturales del planeta, de los tiempos y límites de la tierra). Una articulación política por los derechos humanos y de la naturaleza se ve como una acción urgente hoy: ¿cómo crear estructuras y protocolos de cogobierno de espacios urbanos en busca de un horizonte justo y digno, social y ambiental?

Necesitamos generar nuevos conocimientos, saberes distintos, crear otras oportunidades: un espacio común. Crear instrumentos a partir de los afectos, las memorias, la cultura y el ambiente. Ese proceso está en construcción. Todos tendrán que aprender a promover el diálogo desde el principio e imaginar un proyecto experimental de ciudad. Miramos hacia una contrapropuesta de reconstrucción y nueva proposición.

BEM VIVER A CIDADE

Criando uma paisagem comum

“O bem viver refere-se, portanto, à vida em pequena escala, sustentável, equilibrada, como meio necessário para garantir uma vida digna para todos e a própria sobrevivência da espécie humana e do Planeta. O fundamento são as relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes.” (ACOSTA, 2010)

Ser parte e não viver à parte (há indígenas que pontuam o **des-envolvimento** como o grande mal da sociedade contemporânea — a alienação dos ciclos naturais do Planeta, dos tempos e limites da terra). Uma articulação política pelos direitos humanos e da Natureza se vê como ação urgente, hoje: como criar estruturas e protocolos de cogovernança dos espaços urbanos, buscando um horizonte justo e digno, social e ambientalmente?

Precisamos construir novos conhecimentos, saberes diferentes e gerar outras oportunidades: um espaço entre, comum. Criar instrumentos a partir dos afetos, das memórias, da cultura e do ambiente. Este processo está em construção; todos vão ter que aprender a construir diálogo a partir do princípio, imaginar um projeto experimental de cidade. Vemos, aqui, uma contraproposta de reconstrução e proposição nova.

ECOATIVA

Jaison Pongiluppi Lara

¿Cuántas ciudades tenemos? ¿Cuáles son los múltiples derechos a la ciudad considerando sus conflictos y desafíos? Ecoactiva es un centro ecológico cultural que desde 1996 actúa como un espacio participativo en Bororé, zona rural de São Paulo. Bororé siempre ha sido un territorio sin la atención del poder público donde las personas han tenido que organizarse para proponer mejoras. El espacio estuvo 8 años cerrado y solo se pudo abrir en 2013. Cuando hablamos de prácticas de economía solidaria, permacultura, entre otros, debemos reconocer que la periferia ya realiza estas prácticas. Entender la periferia como protagonista: el borde no debe ser pensado a partir de la escasez, sino como espacios creadores de tecnologías sociales. Hoy encontramos la ciudad con ríos con basura, transporte caótico; la ciudad nos muestra una mancha, una cicatriz que va a ser cuidada por el borde, la periferia.

OUVIDOR 63

Moara Brasil

Ouvidor 63 es un taller abierto desde 2015. Uno de los mayores proyectos fueron las Bienales de Arte donde consiguieron llevar por un año una gran red de colaboradores. Desarrollaron 20 laboratorios sin plata con el fin de compartir otros mundos posibles. Actualmente celebra un festival de lucha para que el territorio sea legitimado, pero sufre constantes amenazas de perder su espacio propio. La Ouvidor 63 es una gran escuela, posibilita la democratización creativa de varios artistas de la periferia sin fondos para moverse y crear en el centro; así, estos trabajan con su arte para manifestar la necesidad de ser legalizados. Es difícil enfrentar la ciudad y el gobierno; se genera violencia, distintas formas de organización, voluntad de horizontalidad. Los artistas quieren inspirar, ocupar territorios vacíos hasta existir/resistir.

ECOATIVA

Jaison Pongiluppi Lara

Quantas cidades temos? Quais são os vários direitos a cidades, considerando seus muitos conflitos e desafios? A Ecoativa é um centro eco-cultural. Desde 1996, atua como um espaço participativo na ilha do Bororé, zona rural, dentro da cidade de São Paulo. A ilha sempre foi um território desassistido pelo poder público, onde pessoas tiveram que se organizar para propor melhorias. O espaço ficou oito anos fechado e só conseguiu reabrir em 2013. Quando falamos de práticas da economia solidária, permacultura, entre outros, devemos reconhecer que a periferia, a quebrada e os quilombos já realizam estas práticas, entender a periferia como protagonista — as bordas não devem ser pensadas a partir da escassez, mas, sim, como espaços criadores de tecnologia social. Hoje, nós encontramos a cidade com rios poluídos, transporte caótico, etc. A cidade nos mostra, cartograficamente, uma mancha cinza, uma cicatriz — e a cicatrização virá pelas bordas.

OUVIDOR 63

Moara Brasil

A Ouvidor 63 é um atelier aberto desde 2015. Um dos maiores projetos foram as Bienais de Arte, onde conseguiram, de fato, durante um ano, uma rede de colaboradores bem grande. Desenvolveram vinte laboratórios, sem patrocinadores, cujo tema era “compartilhar outros mundos possíveis”. Atualmente, há um festival para lutar para que território seja legitimado, mas sofre constantes ameaças de reintegração de posse. A Ouvidor 63 é uma grande escola e possibilita a democratização da criação a vários artistas da periferia, sem fundos para se locomover e criar no centro — ocupam com arte, para manifestar a necessidade de serem legitimados. É difícil de enfrentar a cidade e o governo, como lá dentro — violências são geradas, há diversas maneiras de organização, vontade de horizontalidade. Querem inspirar, ocupar territórios vazios até existirem/resistirem.

OASIS MEDELLIN

Francina Buonanotte

La metodología de Instituto Elos, Oasis, propone caminos para involucrar a la comunidad a realizar algo juntos. El juego tiene una metodología de 7 etapas: la mirada, el afecto, el sueño, el cuidado, el milagro, la celebración, la revolución; lo cual trae una nueva mirada para la comunidad. El juego busca fortalecer del colectivo como base para aportar lo que se tiene en común: cómo cocrear y cogestionar la transformación. El juego fortalece la red y trae abundancia para reconocer bellezas y recursos. No tiene relación con partidos políticos o religiones (temas que excluyen personas); sino que busca un propósito en común y un sueño colectivo: ¿cómo podemos hacer un cambio juntos?

VILA NOVA ESPERANÇA

Lia de Souza

Lia es bahiana de Itaberaba. En 2003 se mudó a una favela y en 2006 descubrió que tenía una orden de desalojo. En 2010 se convirtió en líder comunitaria cuando las autoridades gubernamentales vinieron a derrumbar las casas en la favela porque era un área de protección ambiental. Lia argumentó que las personas también son naturaleza, que el gobierno podía llevar educación ambiental al lugar. Las autoridades públicas no la escucharon, por eso Lia organizó a los habitantes. Realizaron muchas jornadas de limpieza a basureros, huertos... así respondieron a las demandas del lugar y entendieron cómo podían ayudarse. Hicieron un plan de urbanización sustentable, crearon una biblioteca, un comedor público, una ludoteca; todos construyeron colectivamente. La comunidad está proponiendo el emprendimiento a través de la valoración de las artesanías y el fomento del desarrollo local.

OSASIS MEDELLIN

Francina Buonanotte

A metodologia do Instituto Elos, Oasis, aponta caminhos de como envolver a comunidade para levar a cabo uma ação. O jogo tem uma metodologia de sete etapas: o olhar, o afeto, o sonho, o cuidado, o milagre, a celebração e a re-evolução, despertando um novo olhar para a comunidade. O jogo busca trazer a força do coletivo para apontar o que se tem em comum: como cocriar e cogerar a transformação. O jogo fortalece a noção de rede e traz abundância para reconhecer belezas e recursos; não tem relação com política e religião (temas que excluem pessoas); busca um propósito em comum e um sonho coletivo. Como conseguirmos transformar juntos?

VILA NOVA ESPERANÇA

Lia de Souza

Lia é baiana de Itaberaba. Em 2003, foi morar em uma favela. Em 2006, descobriu que esta tinha uma ordem de remoção. Tornou-se líder comunitária em 2010, quando iriam derrubar as casas, pois era uma área de proteção ambiental. Lia quis argumentar que as pessoas também são Natureza, que poderiam levar educação ambiental a este lugar. O poder público não ouvia e, por isso ela organizou os moradores — fizeram mutirões de limpeza, abrigos de lixo, hortas, etc. Assim, foram respondendo às demandas do lugar e entendendo como poderiam ajudar. Fizeram um plano de urbanização sustentável, criaram uma biblioteca, uma cozinha, uma brinquedoteca — todos foram construir conjuntamente. A comunidade está propondo o empreendedorismo, valorizando o artesanato e fomentando o desenvolvimento local.

BUEN VIVIR

Alberto Acosta

En Latinoamérica, pueblos indígenas tienen una historia muy antigua y es importante reconocer que estas miradas no son tomadas en cuenta por los gobiernos centrales. ¿Qué entendemos como buen vivir? Las definiciones son limitantes. Significa la vida del individuo en armonía consigo mismo, con otros de la comunidad y con el ambiente que habita. ¿Qué significa vivir en soledad en una ciudad tan grande como São Paulo? Hace un año que en Inglaterra existe el Ministerio de la Soledad para cuidar de las personas solas. Construir y reconstruir comunidades es un paso fundamental, además de fomentar la relación con la naturaleza. Tenemos que recuperar el espacio público desde cada territorio y comunidad donde nos encontremos. No hay recetas ni modelos, pero existen respuestas en todos los lugares del mundo. El buen vivir exige relaciones de respeto, tolerancia y confianza mutua. ¿Cuándo podemos empezar? ¡ahora! ¿dónde? desde acá.

BUEN VIVIR

Alberto Acosta

Na América Latina, povos indígenas trazem uma história muito antiga, e é importante reconhecer essas visões, que não foram postas em prática pelos governos centrais. O que entendemos por bem viver? As definições são limitantes. A vida do indivíduo em harmonia consigo mesmo, com outros da comunidade e o ambiente em que habita. O que é viver a solidão em uma cidade tão grande como São Paulo? Faz um ano, na Inglaterra existe um Ministério da Solidão para cuidar das pessoas sozinhas. Construir e reconstruir comunidades é um passo fundamental. Além da relação com a Natureza, temos que recuperar o espaço público desde cada um dos territórios, comunidades, onde nos encontramos. Não há receitas nem modelos, mas existem respostas em todos lugares do mundo. O bem viver exige relações de respeito, tolerância e confiança mútuas. Quando podemos começar? Agora! Onde? Aqui!

AFETO, NARRATIVAS E TERRITÓRIO | SÓCRATES TORRES



A PARTIR DAS RELAÇÕES DE AFETOS EM RELAÇÃO AOS TERRITÓRIOS, AO PERTENCIMENTO, AS INSURGÊNCIAS QUE SE REALIZAM DE FORMA CADENCIADA E AO MESMO TEMPO AUTÔNOMA, BUSCAMOS ALCANÇAR UM OLHAR EM QUE AS LUTAS E AS TRANSGRESSÕES EM RELAÇÃO AO SISTEMA DOMINANTE TÊM TRAZIDO MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS NO TECIDO SOCIAL DAS CIDADES.



INSURGÊNCIAS, TRANSGRESSÃO, TERRITÓRIOS
EDUCADORES, MEDIAÇÃO SOCIAL.



APESAR DAS SUCESSIVAS INVESTIDAS
DOS PÓDERES ESTABELECIDOS, AS
COMUNIDADES ESTÃO NO CAMINHO
DE TRANSFORMAR SEUS
TERRITÓRIOS, ATRAVÉS DE
ATOS POLÍTICOS, MANIFESTAÇÕES
ARTÍSTICAS, CULTURAIS, EM
VERDADEIRAS ZONAS DE MEDIAÇÃO
E TRANSFORMAÇÃO DA PERSPECTIVA
SOCIAL.

AUTOKINESIS | SEU MOVIMENTO

UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO DO COMPORTAMENTO CORPORAL E(M) SUA RELAÇÃO COM O CONTEXTO SOCIO-ESPACIAL, QUE PARTE DO ENTENDIMENTO DO ESPAÇO COMO PRODUTO E CO-PRODUTOR DAS FORMAS DE MOVIMENTAÇÃO. O PROPÓSITO ORIGINÁRIO DA PRÁTICA É DAR CORPO ÀS REFLEXÕES E INVESTIGAÇÕES SOBRE O LUGAR DO COMPORTAMENTO SOMÁTICO NO MACROCORPO URBANO.



SOMOS NÃO APENAS UMA VICIOSA ARTICULAÇÃO DE TÉCNICAS, MAS TAMBÉM UM CORPO CONSCIENTE, CURIOSO E INVESTIGADOR. A ATIVAÇÃO DOS SENTIDOS FÍSICOS, DO TATO, DE UMA AGÊNCIA E PRODUÇÃO POSSÍVEL DE UMA CIDADE EM RUPTURA CONCRETA DE RESTRIÇÕES DISTINTIVAS E DISTINÇÕES RESTRITIVAS; SOBRE O ACESSO, O PERTENCIMENTO, O PODER.



ESPAÇO PROJETADO
E RESSIGNIFICADO PARA O CORPO.



PUDEMOS INVESTIGAR, IDENTIFICAR E REFORMULAR VÍCIOS DE MOVIMENTAÇÃO CONFIGURADOS PELAS TRAJETÓRIAS CULTURAIS MARCANTE EM DIFERENTES CONTEXTOS. NOSSO OBJETIVO É PROVOCAR A BUSCA POR UM ESTADO DE AUTONOMIA, TOMANDO O CORPO, ISTO É, A UNIDADE SOMÁTICA INDIVIDUAL, COMO PONTO DE PARTIDA PARA A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES MAIS LIVRES E POTENTES. COM O ESPAÇO E A SOCIEDADE.



CIDADE VOLTADA À VIDA HUMANA.

ARQUITETURA PAUTADA PELA EXPERIÊNCIA SENSÍVEL:
UMA REDESCOBERTA DO QUE PODE SER A AUTONOMIA DA
PERSPECTIVA CORPORAL EM PLENA VIDA SENSÍVEL NA URBANI-
DADE – COM OS CÓDIGOS, AS CONDUTAS, AS ESTRUTURAS E
RESTRICÇÕES QUE A REPRESENTAM.

BAMBU E AUTONOMIA | JAIR VIEIRA

PROCESSO COLETIVO, AUTONOMIA, CONEXÃO,
EXPERIMENTAÇÃO, APROPRIAÇÃO, OBSERVAÇÃO, CRIAÇÃO,
COMPARTILHAMENTO, ATENÇÃO, COLABORAÇÃO, TROCA,
DIVERSÃO, MATERIALIZAÇÃO, PENSAMENTO, INCLUSÃO,
INTUIÇÃO, ESCUTA, DESCOBERTA, VIBRAÇÃO, ECONOMIA.

AS CARACTERÍSTICAS DA PLANTA,
INERENTES A TODAS AS PESSOAS, COMO
SIMPLICIDADE, VAZIO INTERIOR, ESSÊNCIA,
UNIÃO, FLEXIBILIDADE, CRESCIMENTO E
RAÍZES FORTES.



MATURAÇÃO DO BAMBU: EM CADA ETAPA DA VIDA, O BAMBU
ATENDE A UM PROPÓSITO ESPECÍFICO, COMO ALIMENTO, MATÉRIA
ESTRUTURAL OU SUBSTRATO PARA O SOLO (APLICAÇÕES COMO
FABRICAÇÃO DE PAPEL, SUBSTITUIÇÃO DA MADEIRA, FILTRAGEM DE
ÁGUA E CONSTRUÇÃO CIVIL).

TRANSFORMAR AMBIENTES: PELA ENERGIA DO MATERIAL E PELAS DINÂMICAS DE ELABORAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES OU OBJETOS.



NA BUSCA POR SOLUÇÕES DE BAIXO IMPACTO AMBIENTAL E SOCIAL, O BAMBU FAVORECE A AUTONOMIA DE PRODUTORES LOCAIS PELA SUA ABUNDÂNCIA NA NATUREZA, DIVERSIDADE, CARACTERÍSTICAS E FÁCIL MANUSEIO.

CARTOGRAFIA AFETIVA I

FRANCINA BUONANOTTE E RANYELY ARAUJO



CARTOGRAFIA
"DIFERENTEMENTE DO MAPA, É A INTELIGIBILIDADE DA PAISAGEM EM SEUS ACIDENTES, NAS MUTAÇÕES - ELA ACOMPANHA OS MOVIMENTOS INDIZIVEIS E IMPREVISÍVEIS DA TERRA - AQUI MOVIMENTOS DO DESEJO - QUE VÃO TRANSGURANDO, IMPERCEPTIVELMENTE A PAISAGEM VIGENTE."

**MOVIMENTOS DO DESEJO:
INTERVENÇÕES PELO CIRCUITO DE
CRENÇAS E PARTIDOS DESSE
ARTISTA-PESQUISADOR,
ALTEMAR DE MONTEIRO**



"É A PARTIR DE NOSSAS VIVÊNCIAS E DO QUE AVISTAMOS COMO CIDADE É QUE SE DESENHA O NOSSO PENSAMENTO"

CAMINHARES PERIFÉRICOS - ALTEMAR DE MONTEIRO

GUIAR, CONFIAR, RESPIRAR, TATEAR, EXPERIENCIAR,
ESCUTAR, TROCAR, AFETAR, CAMINHAR, PAUSAR, CRIAR
(A PARTIR DE EXPERIÊNCIA; AÇÃO E AR, ATMOSFERA).



"CONFIAR É FIAR JUNTO,
NESSE FIO QUE CONDUZIMOS
SILÊNCIOS, SOMOS NÓS UM
ENCONTRO COM O OUTRO
SENDO PONTE. QUANTO
MENOS VEJO LÁ FORA MAIS
ESCUTO AQUI DENTRO, AS
TEXTURAS CONDUZEM
DANÇAS E PÉS DE SILÊNCIO
AO CENTRO." *



PERCURSO PELA CIDADE COMO TÁTICA
DESVIATÓRIA, ANTIDISCIPLINA, DESEN-
CADEADORA DE POSSIBILIDADES
AFETIVAS DE DESCONSTRUÇÃO DE
OLHAR A CIDADE, EXPERIÊNCIA
CORPÓREA E SENSORIAL.

"PRECISAMOS DESSAS TROCAS, DOS AFETOS,
DE NOVAS FORMAS DE SE RELACIONAR COM
O OUTRO, QUE ACABA REFLETINDO NA FORMA
DE SE FAZER CIDADES." *

*RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES À PERGUNTA "O QUE EU CELEBRO...". AVALIAÇÃO FEITA AO FINAL DA
OFICINA E ENTREGUE DE FORMA ANÔNIMA*

CO-CRIANÇA

BUSCAMOS RECUPERAR A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES E O LUGAR DA INFÂNCIA NA CIDADE. PROJETAMOS ESPAÇOS DE BRINCAR ESCUTANDO A VOZ DAS CRIANÇAS; PARTIMOS DE SUAS IDEIAS E DE SUA RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS, DE FORMA A INCENTIVAR A AUTONOMIA E O SENTIMENTO DE PERTENCER AO LUGAR QUE HABITAM.



OFICINA DOS CRACHÁS
IDENTIFICAR-SE COM UM CRACHÁ DIZENDO SEU NOME, IDADE, QUE ANIMAL MAIS GOSTA E SEU SUPERPODER. DOIS GRUPOS SEPARADOS POR UM LENÇOL, UMA CRIANÇA DE CADA TIME APROXIMA-SE DO LENÇOL E, QUANDO ESTE BAIXAR, PRECISA RECORDAR-SE DO NOME DE QUEM ESTÁ DO OUTRO LADO.

EXPLORAÇÃO DO ESPAÇO E OBJETO
EXPLORAR O ESPAÇO PROCURANDO UM
OBJETO QUE CHAME A ATENÇÃO E
DESENHÁ-LO. ENTÃO, REPRESENTÁ-LO A
PARTIR DE UM NOVO USO: QUAL PODERIA SER
SUA FUNÇÃO SENÃO A TRADICIONAL.



BOLA DOS SONHOS
EM RODA E SEGURANDO UM ROLO DE BAR-
BANTE, CADA CRIANÇA CONTA UM DESEJO
PESSOAL E UM PARA A CIDADE. JOGA O ROLO
AO PRÓXIMO, CONFORMANDO UMA TEIA.

NÓ HUMANO
EM RODA, TODOS FECHAM OS OLHOS E
ANDAM EM DIREÇÃO AO CENTRO. ENTÃO,
DEVEM PROCURAR AS MÃOS DOS COLEGAS E
SEGURAR AQUELA QUE SENTIR. EM SEGUIDA,
DEVEM CONSEGUIR DESFAZER O NÓ.



CONVERSA LEVANTANDO OS CONHECIMENTOS SOBRE O LUGAR. OS GRUPOS ESTÃO LIVRES
PARA CRIAR SOBRE A MAQUETE COM AQUILO QUE ELAS GOSTARIAM QUE EXISTISSE NO
ESPAÇO. CADA GRUPO APRESENTA SUA PROPOSTA, E ENTÃO CONVERSAMOS SOBRE AS
POSSIBILIDADES DE CONSTRUIR OU NÃO O QUE FOI SUGERIDO E QUAIS OS RECURSOS
NECESSÁRIOS.

HABITAR TERRA | IAZANA GUIZZO

"HABITO ENTRE AS INTERSECÇÕES,
ENTRE AS MARGENS, ENTRE AS
BRECHAS. JANELAS E
TRANSPARÊNCIAS PARA PODER VER A
TERRA. ARQUITETURA É
INTERLOCUÇÃO, DITO E O NÃO DITO,
O VAZIO E A CONSTRUÇÃO.
O DIÁLOGO."



HÁ UMA FALÊNCIA QUE PRECISA SER
VISTA. UM FIM, E QUE TOCA AS NOÇÕES
DE TERRITÓRIO E DE MÉTODO DE
CONCEPÇÃO DOS AMBIENTES
CONSTRUÍDOS. A CRISE ATUAL É,
SOBRETUDO, DE PERCEPÇÃO E SENSAÇÃO.
PARECE SER URGENTE REATIVAR A NOSSA
RELAÇÃO AFETIVA COM O TERRITÓRIO.

"ME MARCOU A SENSACÃO DA LUZ
POUSANDO SOBRE MIM, TAMBÉM AS CORES"



NADA ESTÁ PARADO,
TUDO É MOVIMENTO E RECONSTRUÇÃO.
INTERAÇÃO E CONEXÃO
COM O OUTRO
COM O CORPO
COM O SOLO.



SOMOS TODOS UM, DE UM MESMO PLANETA, QUE
SE REINVENTA/RENOVA A TODO MOMENTO. E
CADA UM É UM.

JARDINAGEM DE GUERRILHA | HORTA DI GUETO



PLANTAMOS EM ABUNDANCIA,
AS MEDICINAIS E FLORES,
COMO ESTRATO ALTO, FEIJÃO DE PORCO,
BATATAS E CAPUCHINHA COMO ESTRATO
BAIXO E ADUBADEIRAS.

MAIS GIRASSOL E
CROTALÁRIA DE SEMENTES, QUE SERÃO OS
ESTRATOS EMERGENTES E VÃO SERVIR PRA
PODAS FUTURAS E MANTER A CICLAGEM DE
NUTRIENTES AO SOLO.

EUDÓXIA



CUIDAMOS DO SOLO, SOLTANDO CAMADAS DE ARGILA, OBSERVANDO
A PRESENÇA DE VIDA: UMA FINA CAMADA DE TERRA PRETA,
TATUS-BOLA E MINHOCAS NATIVAS.

O CAMINHO
BRASILEIRO
IDEIAS, O T

"NOSSO TRABALHO É COM O CUIDADO" - PARA ALÉM DE UM CUIDADO COM A TERRA, COM O MEIO E COM AS COMUNIDADES.

EUDÓXIA




APRENDER FAZENDO!



O LÍDER DA OFICINA FOI UMA PONTE ENTRE AS QUÊ-DA PERIFERIA E DO CENTRO. A PONTE FORAM AS PERCURSO ENTRE REALIDADES FOI UM DOS EIXOS DE DESCOBERTAS.

"NÃO TEM NADA RETO NA NATUREZA"
SHIRLEY

LETREIRO EM MUTIRÃO | GOMA OFICINA



DAR VISIBILIDADE A UM
ESPAÇO TÃO IMPORTANTE:
UM ESPAÇO QUE PROMOVE
A CULTURA. COMUNICAR O
QUE É ESSE LUGAR.

A ESCOLHA PELA ELETROCALHA SE DEU
POR SER UM MATERIAL DE BAIXO CUSTO E
VENDIDO NA REGIÃO DO TEATRO DE
CONTÊINER. TRABALHANDO COM
RECURSOS ABUNDANTES NO TERRITÓRIO.

PROCESSO CONSTRUTIVO,
POR PARTES, POR TESTES. ABRIR-SE
AO ERRO, APRESENTANDO UMA
CRIATIVIDADE NA FORMA DE LIDAR
COM O IMPREVISTO, E ABRINDO
ESPAÇO PARA A POSSIBILIDADE DE
INOVAÇÃO.



OTIMIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.

MIGRAÇÃO E GEOGRAFIAS MENTAIS DE FRONTEIRAS | KRISTINE SAMSON

"PRECISO TORNAR AQUILO ALGO
ACONCHEGANTE E RECONHECÍVEL
PARA MIM, PODE SER ONDE FOR.
AQUILO PRECISA TER ALGUMA
COISA QUE ME TRAGA UM CONFOR-
TO EMOCIONAL."



"TRABALHO E VIVO DE FORMA
ITINERANTE. DESENVOLVO MEU MODO
DE VIDA EM MOVIMENTO. UM PONTO
PRINCIPAL QUE TECE AS REDES E
NOSSOS CAMINHOS, QUE É SER LIVRE O
SUFICIENTE PARA DIALOGAR COM AS
REALIDADES. AS FRONTEIRAS, VISÍVEIS
E INVISÍVEIS, QUE ACONTECEM NO
TERRITÓRIO. EM RELAÇÕES ENTRE NÓS,
O QUANTO ELAS ESTÃO AQUI O TEMPO
TODO. ACREDITO QUE TRABALHANDO
ESSAS FRONTEIRAS É UM DOS CAMI-
NHOS QUE ENCONTRO PARA PERMEAR
ESSAS REALIDADES."

GABRIEL



"ESTOU MIGRANDO A TODO TEMPO.
A MIGRAÇÃO FÍSICA É UMA BUSCA POR
UM DESLOCAMENTO MENTAL E SUBJETI-
VO. QUANDO VIAJO, TENTO ME DESLOCAR
E VIVER OUTROS MODOS DE VIDA, EN-
TENDER COMO CADA LUGAR OPERA.
MINHA CASA É NO CORPO E NA RELAÇÃO
COM AS PESSOAS."

MARCELLA



"COMO MIGRANTE, ME SINTO SEMPRE PERTENCENDO AO LUGAR, MAS SEMPRE QUERO IR EMBORA. PARA EU PODER ME SENTIR BEM EM UM LUGAR, PRECISO SENTIR QUE POSSO IR EMBORA A QUALQUER INSTANTE. GEOGRAFIAS MENTAIS SÃO LUGARES DA MINHA MENTE QUE EU POSSO VISITAR E LARGAR, APAGAR OU CONSTRUIR"

RICARDO



"ESTAR FORA DO MEU PAIS ME FAZ MUITO BEM, ME FEZ MAIS FORTE. PORQUE SINTO QUE SAIO DOS ESTERIOTIPOS CULTURAIS, SAIO DAS CAIXAS QUE ME DEFINEM. MINHA CONDIÇÃO DE MIGRANTE ME FAZ SER MUITO MAIS DEMOCRATICA COMIGO E COM OS OUTROS."

GIULIA

MIGRAR DE UM PENSAMENTO COLONIZADO A UM PENSAMENTO AUTÔNOMO.

TEORIA DA DERIVA | ALEXANDRE MONTEIRO

OBSEVAR A INTEGRAÇÃO DOS INDIVÍDUOS COM O ENVOLTÓRIO PROVIDO PELA CIDADE.



A PRÁTICA DA DERIVA (ANDAR PELA CIDADE A PARTIR DE UM OLHAR NÃO AUTOMATIZADO), JUNTO COM A PSICOGEOGRAFIA, CONSTITUI UMA FERRAMENTA MARCANTE.

A PSICOGEOGRAFIA É CHAVE FUNDAMENTAL PARA OBSERVAR A INTEGRAÇÃO DOS INDIVÍDUOS COM O ENVOLTÓRIO PROVIDO PELA CIDADE. TAMBÉM USADO PARA TRATAMENTOS PSICOLÓGICOS, ELABORAÇÕES DAS ARTES CORPORAIS E DAS CIÊNCIAS SOCIAIS.

PALAVRAS-CHAVE: CAMINHAR;
PSICOGEOGRAFIA; GUY DEBORD;
SITUACIONISTA; FLÂNEUR; RASTRO;
DEAMBULAÇÃO; URBANISMO UNITÁRIO.



EXPLORAR NO COTIDIANO DOS AFAZERES DIÁRIOS NOÇÕES DE ESTÉTICA, REPRESENTAÇÃO E INTERAÇÃO ATIVA, TRAZENDO O TERMO URBANISMO UNITÁRIO COMO CHAVE PARA OLHAR OS ESPAÇOS DA CIDADE COMO TERRENO FÉRTIL AO JOGO E À EXPERIMENTAÇÃO.



1 - RASTRO: VESTÍGIOS DA EXPERIÊNCIA HUMANA NO AMBIENTE E NO INDIVÍDUO QUE O PERCORRE (PERDER-SE, CORRER RISCO);



2- O OLHAR COMO ESTRANGEIRO: DECUPAR HÁBITOS A FIM DE INDAGAR SOBRE ELES. EX: GEORGES PEREC EM "TENTATIVA DE ESGOTAMENTO DE UM LOCAL PARISIENSE", ESCRITO COM BASE EM SUA EXPERIÊNCIA DE OBSERVAR AS VARIAÇÕES DE CENAS CONFIGURADAS NA PRAÇA SAINT-SULPICE, DE PARIS, AO SENTAR-SE POR TRÊS DIAS SEGUIDOS NUM CAFÉ;

3- DEAMBULAÇÃO: CAMINHAR DESPRETENSIVO, SOLTÓ, COMO FERRAMENTA DE CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM;

4- ARTIVISMO: ARTE + POLÍTICA + ATIVISMO. CORPO COMO MANIFESTO RACIONALIZADO, INTENCIONAL.

TERRITÓRIOS DE MEDIAÇÃO | ENTRE

LIDERANÇA

COMO O PODER PÚBLICO
PODE SE FAZER PRESENTE
SEM REPRIMIR AS
INICIATIVAS LOCAIS?

OPRESSÃO

RIGIDEZ

FINANCIAMENTO

CONTEXTO

CAPACIDADE

CORPOS LIVRES

EXPERIÊNCIA

PERTENCIMENTO

TROCAS

MEDIAÇÃO

FLUXO

IDENTIDADE

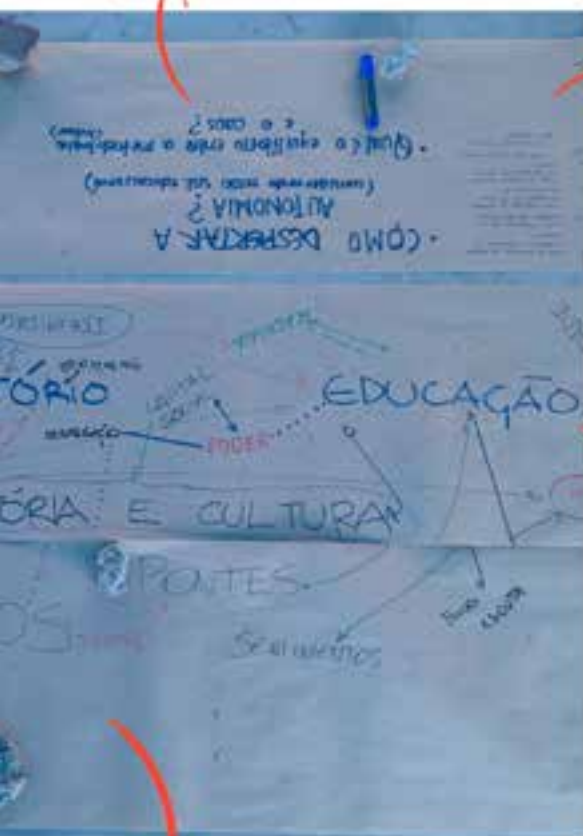
CRIANÇA

POTÊNCIA

INTERDEPE



COMO DESPERTAR A AUTONOMIA? QUAL É O EQUILÍBRIO ENTRE A METODOLOGIA E O CAOS? COMO TRAZER O PODER PÚBLICO PARA RECONHECER A AUTONOMIA? É POSSÍVEL INSTITUCIONALIZAR TERRITÓRIOS AUTÔNOMOS? QUAIS OS NOVOS ESPAÇOS DE ENCONTRO QUE INDEPENDEM DE CONDIÇÕES FINANCEIRAS? COMO SER PROTAGONISTA E TER IMPACTO SEM EXIMIR A RESPONSABILIDADE DO PODER PÚBLICO?



AUTONOMIA É:
 CONSEGUIR FAZER INDIVIDUALMENTE? É LIBERDADE?
 É SUPRIR SUAS CARÊNCIAS?
 É AUTOSSUFICIÊNCIA? É POSSIBILIDADE DE TOMAR SUAS PRÓPRIAS DECISÕES?
 É PERTENCER AO TERRITÓRIO?

CONHECIMENTO
 HABILIDADES ATITUDES

APREENSÃO PELA EXPERIÊNCIA

PÚBLICO

ACADEMIA

RUA

ORALIDADE

EDUCAÇÃO

AFETO

TERRITÓRIO

CAPITAL SOCIAL
 PODER

DESCOLONIZAÇÃO

TROCAS E ESCUTA

PRECONCEITO

HISTÓRIA E CULTURA

ENDÊNCIA

SIGNIFICAÇÃO

¿DÓNDE ARQUITECTURA, AUTONOMÍA, CIUDAD Y EDUCACIÓN SE ENCUENTRAN?

Victoria Braga

Las palabras construyen sentidos y por eso mismo el lenguaje aún es una de las herramientas más eficientes de poder. Siempre me pareció pertinente estar atenta a las artimañas ocultas en lo que parece una inofensiva conjunción de letras. Por eso, hay veces en que, antes de formular cualquier posición acerca de una determinada temática, me parece válido buscar explicaciones a partir de la etimología de lo que voy a dedicar en mis reflexiones.

La temática o nombre del seminario me llamó la atención. Y entonces mi reflexión empezó, de hecho, con la propia construcción del sentido de las palabras.

Arquitectura para la autonomía: activando territorios educadores. Educación viene del latín, *educatĭo,ōnis* (education) “Acción de crear, nutrir, cultura, cultivo”. Autonomía es “la capacidad de gobernarse por sus propios medios”, o “el derecho de regirse según leyes propias”, del greco, *αὐτόνομος* (autonomos), “de sí mismo”. Por asociación, “crear por sí misma, nutrir a sí misma, cultivarse a sí misma”.

Lo que parece, en un sentido más esencial, educación y autonomía se relacionan directamente con la capacidad de reconocer y desarrollar, en sí mismo, su potencialidad.

Hago un paréntesis para rescatar un texto que me parece oportuno: “Construir, habitar, pensar”, en el cual Heidegger ensaya una reflexión teórica acerca de los conceptos de habitar



ONDE CIDADE, ARQUITETURA, AUTONOMIA E EDUCAÇÃO SE ENCONTRAM?

Victoria Braga

As palavras constroem sentidos e, por isso mesmo, a linguagem ainda é uma das mais eficientes ferramentas de poder. Sempre me pareceu pertinente estar atenta às artimanhas ocultadas no que parece ser uma inofensiva junção de letras. Por isso, há vezes em que, antes de formular qualquer posicionamento acerca de um determinado tema, me parece sensato buscar elucidações a partir da etimologia daquilo a que dedicarei minha reflexão.

O tema ou nome do Seminário me chamou particular atenção. E, então, minha reflexão começou, de fato, com a própria construção do sentido das palavras.

“Arquitetura para Autonomia: ativando territórios educadores”. Educação vem do latim, *educatĭo,ōnis* (education), “ação de criar, de nutrir; cultura, cultivo”. Autonomia é “a capacidade de governar-se pelos próprios meios”, ou “direito de reger-se segundo leis próprias”, do grego, *αὐτόνομος* (autonomos), “de si mesmo”. Por associação: “criar por si mesma, nutrir a si mesma, cultivar a si mesma”.

Ao que parece nos sugerir, no sentido mais essencial, educação e autonomia relacionam-se diretamente com a capacidade de reconhecer e desenvolver, em si própria, as suas potencialidades.

Faço um parêntese para resgatar um texto que me parece oportuno: “Construir, Habitar, Pensar”, no qual Heidegger ensaia

y construir estableciendo relaciones a través de la etimología. En un pasaje, el autor presenta la relación intrínseca existente entre las palabras “bauen”(construir), “buan” (habitar) e “bin” (yo soy, en las conjugaciones “ich bin”, “du bist”: yo soy, tú eres).

Observar y reflexionar acerca de esas relaciones se presenta como un buen comienzo de conversación con la intención de pensar y repensar el campo de construir, habitar y ser; de la práctica de arquitectura misma, de la construcción y transformación de los espacios habitados por personas.

Podemos entonces preguntarnos: ¿dónde ciudad, arquitectura autonomía y educación se encuentran? ¿De qué manera la arquitectura puede construir prácticas para la autonomía? ¿De qué manera las ciudades pueden habitar territorios educadores? ¿De qué manera podemos ser parte del proceso?

Marina Grinover

Sabemos que el derecho a la ciudad es un proceso constante de lucha de grupos menos favorecidos por la vida urbana digna. En las disputas urbanas, lo ideal al derecho camina en la dirección de la igualdad y de la democracia. Estamos, sin embargo, lejos de eso como sociedad en Brasil, sea desde el punto de vista del medio físico, sea desde el punto de vista del medio social. Acciones de naturaleza educativa, activadoras de experiencias de la libertad de estar en el espacio colectivo de modo más seguro y franco se configuran como una estrategia para la conciencia del derecho a la ciudad.

La arquitectura y el urbanismo tienen un papel estructurador en el dibujo de las relaciones deseadas de las personas con sus vidas y con la vida de los otros. Pero si el ambiente es inestable, inseguro, incómodo, da miedo, el coraje para enfrentar sus desafíos



uma reflexão teórica acerca dos conceitos de “habitar” e “construir”, estabelecendo relações a partir da etimologia. Em uma passagem, o autor apresenta a relação intrínseca existente entre as palavras “bauen”(construir), “buan” (habitar) e “bin” (eu sou, nas conjugações ich bin, du bist, eu sou, tu és).

Observar e refletir sobre essas relações se apresenta como um bom começo de conversa, com o intuito de pensar e repensar o campo do construir, do habitar e do ser; da prática da arquitetura ela própria, construção e transformação dos espaços habitados por pessoas.

E podemos, finalmente, nos perguntar: onde cidade, arquitetura, autonomia e educação se encontram? De que maneira a arquitetura pode construir práticas para autonomia? De que maneira as cidades podem habitar territórios educadores? E de que maneira podemos ser parte deste processo?

Marina Grinover

Sabemos que o direito à cidade é um processo constante de luta de grupos menos favorecidos pela vida urbana digna. Nas disputas urbanas, a ideia do direito caminha na direção da igualdade e da democracia. Estamos, entretanto, longe disso, como sociedade, no Brasil, seja do ponto de vista do meio físico, seja do ponto de vista do meio social. Ações de natureza educativa, ativadoras de experiências da liberdade de estar no espaço coletivo do modo mais seguro e franco configuram-se como uma estratégia para a consciência do direito à cidade.

A arquitetura e o urbanismo têm um papel estruturador no desenho das desejáveis relações das pessoas com suas vidas, com as vidas dos outros. A cidade é, por sua natureza, encontro, troca, nosso habitat. Mas se o ambiente é instável, inseguro,

es difuso frente a las ideas de sobrevivencia. La construcción de autonomía de la ciudadanía pasa, necesariamente, por el ejercicio de una seguridad con lo cotidiano, pasa por el sentimiento de que el mundo permite ser libremente lo que se desea ser, juntos. La arquitectura puede ser una herramienta de organización del espacio para que abarque, como dijo Paulo Mendes da Rocha, la “imprevisibilidad de la vida”.

La lucha por el derecho a la vida urbana digna y libre es un proceso colectivo. Un proceso lento, como la educación y la conciencia de la autonomía. Será en la ciudad con sus arquitecturas inclusivas donde podremos practicar esta conquista.



Semillas (colectivo)

En Semillas trabajamos principalmente en proyectos de arquitectura vinculados a los espacios educativos y creemos en la educación como base para el desarrollo personal y comunitario.

Creemos que arquitectura no es solo el espacio construido y que el espacio construido es el resultado de un proceso donde autonomía, ciudad y educación se enfrentan. ¡Nuestra arquitectura nace del pensar y hacer juntos, pues conectamos saberes, cuestionamos y replanteamos! Creemos en los procesos como medios de empoderamiento. Creemos que el arquitecto es un actor más y que debe repensar su forma de pensar. Debemos conocer profundamente a las personas y al territorio donde actuamos para proporcionar espacios que respondan coherentemente a la ética, el espíritu y la cultura de cada sociedad. Entonces es en las personas y en el territorio donde

desconfortável, amedrontador, a coragem para seus desafios fica nublada diante da ideia da sobrevivência. A construção da autonomia e da cidadania passa, necessariamente, pelo exercício de uma segurança com o cotidiano, passa pelo sentimento de que o mundo nos permite ser livremente o que desejamos ser, juntos. A arquitetura pode ser uma ferramenta de organização do espaço para que ele acolha, como disse Paulo Mendes da Rocha, “a imprevisibilidade da vida”.

A luta pelo direito à vida urbana digna e livre é um processo coletivo. Um processo lento, assim como a educação e a consciência da autonomia — será na cidade, com suas arquiteturas inclusivas, que poderemos praticar esta conquista.

Semillas (coletivo)

No Semillas, trabalhamos principalmente em projetos de arquitetura vinculados a espaços educativos, e acreditamos na educação como base para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

Acreditamos que a arquitetura não é somente o espaço construído, e que o espaço construído é resultado de um processo onde autonomia, cidade e educação se enfrentam. Nossa arquitetura nasce do pensar e fazer juntos; conectamos saberes, questionamos e propomos novamente! Acreditamos nos processos como meios de empoderamento. Acreditamos que o arquiteto é mais um ator e que deve repensar sua forma de pensar. Devemos conhecer profundamente as pessoas e o território onde operamos, para proporcionar espaços que respondam de forma coerente à ética, espírito e cultura de cada sociedade. E assim é, nas pessoas e no território, onde arquitetura, autonomia, cidade e educação se encontram.

arquitectura, autonomía, ciudad y educación se encuentran.

Creemos y promovemos el proceso como espacio de aprendizaje: escenarios de intercambio de experiencia y de conocimientos proponiendo diseños donde se valoran y usan los recursos y saberes locales.

Alberto Acosta

Otro mundo será posible si – sobre la marcha – imaginamos y construimos sociedades desde principios totalmente opuestos a los de la actual civilización, causantes de crecientes desequilibrios, frustraciones y violencias. Correlación en vez de fragmentación; reciprocidad en vez de competencia desbocada; solidaridad y correspondencia en vez del individualismo egoísta. La codicia, rectora del capitalismo, debe reemplazarse por una vida en armonía. Desaceleración, descentralización y desconcentración deben poner un alto al paroxismo consumista. Y en todo este empeño, desde lo comunitario, habrá que desarmar – democráticamente – las estructuras jerárquicas patriarcales, racistas, socioeconómicas y políticas.

Algunos de estos principios son más fáciles de encontrar en el mundo rural, particularmente indígena. En cambio, los espacios urbanos se alejan cada vez más de una vida humana solidaria y respetuosa con la Madre Tierra. Por definición, no hay ciudades sustentables. Además de su huella ecológica insostenible, las urbes están atrapadas en un frenesí individualizado, donde lo humano deviene en irrelevante mientras que domina la mercantilización desenfrenada.

Pese a sus enormes problemas, en las ciudades también hay opciones transformadoras, algunas ya en marcha. Repensar las ciudades, rediseñarlas, reorganizarlas desde abajo restableciendo su balance con lo rural, descolonizando la

Acreditamos na escola (espaço físico construído) como catalisador, e que devemos investigar o potencial das infraestruturas educativas e o papel que podem ter no desenvolvimento dos contextos de nossas cidades e em contextos rurais.

Acreditamos e promovemos o processo como espaço de aprendizagem: cenários de troca de experiência e conhecimentos, propondo desenhos onde se valorizam e se usam os recursos e saberes locais.



Alberto Acosta

Outro mundo será possível se — sobre a marcha — imaginamos e construímos sociedades desde princípios totalmente opostos aos da civilização atual, causantes de desequilíbrios crescentes, frustrações e violências: interatividade ao invés de fragmentação; reciprocidade ao invés de competência desbocada; solidariedade e correspondência ao invés do individualismo egoísta. A ambição, reitora do capitalismo, deve ser substituída por uma vida em harmonia. Desaceleração, descentralização e desconcentração devem pôr um fim ao paroxismo consumista. Todo este empenho, desde o comunitário, deverá desarmar — democraticamente — as estruturas hierárquicas, socioeconômicas e políticas.

Alguns destes princípios são mais fáceis de encontrar no mundo rural, particularmente indígena. Enquanto isso, os espaços urbanos afastam-se cada vez mais de uma vida humana solidária e respeitosa com a Mãe Terra. Por definição, não há cidades sustentáveis. Além de seu rastro ecológico insustentável, as urbes estão presas em um frenesi individualizante, onde

imaginación, esa es la tarea. No cabe esperar que el poder, sea gubernamental, local o nacional atienda las demandas barriales. No lo hará o, si lo hace, recreará las estructuras que se quieren superar. Peor es esperar respuestas desde gabinetes privados de arquitectura o empresas constructoras.

Punto clave: El complejo entramado de la vida urbana puede y debe asumirse desde los barrios. Al menos intentémoslo: organicemos vivienda y transporte, suministremos energía eléctrica y servicios públicos, escuelas y espacios comunales, finanzas y monedas comunitarias, huertos urbanos para alcanzar crecientes niveles de autoabastecimiento alimentario y ámbitos de recreación, tiendas y negocios particulares y comunales, amplíemos la ayuda mutua llegando a temas de seguridad que se resolverán en tanto que la comunidad recupere espacios comunes, construyendo territorios emancipados y emancipadores que llenen a los vecindarios de vida intensa, cultura y democracia.

Una posibilidad de creación comunitaria trascendente y práctica es organizar con creciente frecuencia “el Día del Buen Vivir” en los barrios y en las mismas ciudades: estos pueden ser ejercicios de creación comunitaria trascendente y práctica. Son esfuerzos que por sí solos no cambian al mundo, pero que sí ayudan a pensar en cómo hacerlo, que es lo que a mí me motiva siempre. La vida es hoy, y nadie mejor para revolucionarla que quienes la viven.

o humano existe de forma irrelevante, enquanto domina a mercantilização desenfreada.

Apesar dos seus enormes problemas, é nas cidades também que existem opções transformadoras, algumas já acontecendo. Repensar as cidades, redesenhá-las, organizá-las desde a base, restabelecendo seu equilíbrio com o rural, descolonizando a imaginação, esta é a tarefa. Não podemos mais esperar que o poder, seja ele governamental, local ou nacional, atenda as demandas dos bairros. Não o farão, ou, se o fizerem, irão recriar as estruturas que queremos superar. Pior esperar respostas de escritórios privados de arquitetura ou empresas construtoras.

O ponto chave é: o complexo esqueleto da vida urbana pode e deve assumir-se desde os bairros. Ao menos, devemos tentar: organizar habitação e transporte, abastecer energia elétrica e serviços públicos, escolas e espaços comunitários, economia e moedas comunitárias, hortas urbanas para alcançar níveis crescentes de soberania alimentar e âmbitos de recreação, lojas e negócios particulares e comunitários, ampliar a ajuda mútua, chegando a temas de segurança, que se resolverão no que tange que a comunidade recupere espaços comuns, construindo territórios emancipados e emancipadores que dêem aos vizinhos uma vida intensa, cultura e democracia.

Uma possibilidade de criação comunitária é organizar com crescente frequência o “dia do Bem Viver” nos bairros e nas cidades: esse pode ser um exercício de criação comunitária transcendente e prático; são esforços que, por si só, não mudam o mundo, mas ajudam a pensar em como fazê-lo, que é o que me motiva sempre. A vida é hoje, agora, e ninguém melhor para fazer a revolução do que quem a vive.



Tomaz Lotufo

“¡El todo es más grande que la suma de las partes!” El arquitecto e inventor Buckminster Fuller decía frases como esta para abordar el concepto de la sinergia. Entre sus inventos está el domo geodésico, que es la expresión física (estructural) de este concepto.

Sinergia es el movimiento opuesto al de la entropía. Este busca con el mínimo esfuerzo y material construir algo que no cause perjuicio y que tenga el menor impacto ambiental posible. Para esto, es necesaria una organización que promueva la cooperación entre las partes. De esta manera, en el sistema estructural de una geodésica, cada componente desempeña su papel con un objetivo común apoyándose mutuamente. El trabajo de cada uno refuerza y es reforzado por los demás y la totalidad es una magnífica esfera.

Pero no siempre esta armonía sucede. Existen estructuras que demandan demasiados esfuerzos, e incluso algunas partes exigen más que otras (aparentemente el sistema es estático, pero para eso demanda demasiado de algo o de alguien). Este trabajo considera entropía un recurso no aprovechado, o energía gastada innecesariamente, que puede resultar en daños ambientales y desequilibrio social.

Por lo tanto, el “todo” se entiende un sistema integrado que para realizarse demanda una dinámica organizacional (proceso) que proporciona una relación de partes con la mayor calidad posible, lo que depende de la percepción del papel que debe ejercer cada componente.

Este mismo pensamiento “sistémico” puede aplicarse a diversas situaciones, incluyendo en la construcción de estructuras sociales donde cada individuo se fortalece por estar integrado con el otro.

Tomaz Lotufo

“O todo é maior que a soma das partes!” O arquiteto e inventor Buckminster Fuller costumava dizer frases como esta para abordar o conceito da sinergia. Entre os seus inventos está o domo geodésico, que é a expressão física, estrutural, deste conceito.

Sinergia é o movimento oposto ao da entropia, ou seja, busca-se com o mínimo esforço e material construir algo que não cause prejuízo e tenha o menor impacto ambiental possível. Para isso, é necessária uma organização que promova a cooperação entre as partes. Desta maneira, no sistema estrutural de uma geodésica, cada componente desempenha seu papel com um objetivo comum e apoiando-se mutuamente. O trabalho de cada um reforça e é reforçado pelos outros, e a totalidade é uma magnífica esfera.

Mas nem sempre essa harmonia acontece; existem estruturas que demandam esforços demais e algumas partes são mais exigidas que as outras (aparentemente o sistema está estático, mas, para isso, demanda demais de algo ou alguém). Este trabalho a mais, é considerado entropia; um recurso não aproveitado ou energia gasta desnecessariamente pode resultar em danos ambientais e desequilíbrio social.

Portanto, como “todo” entende-se um sistema integrado, que, para acontecer, demanda uma dinâmica organizacional (processo) que propicia uma relação entre as partes com a maior qualidade possível, o que depende da percepção do papel que deve ser exercido por cada componente.

Este mesmo pensamento “sistêmico” pode se aplicar a diversas situações, inclusive na construção de estruturas sociais, onde cada indivíduo se fortalece por estar integrado a outro.

Relacionamientos sociales de calidad pueden promover autonomía. Actualmente existen muchas iniciativas que involucran arquitectos, estudiantes y comunidades en la construcción colectiva del espacio iniciativas como ésta presentan posibilidades para una arquitectura de compromiso donde el proceso de producción puede fortalecer a las personas involucradas al reconocer valores individuales y colectivos y el encuentro de caminos para reducir la vulnerabilidad social.

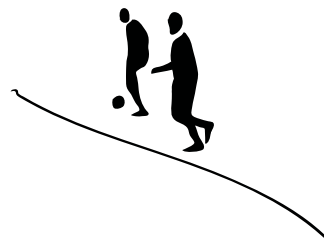
La arquitectura puede ser el encuentro de una estructura física de calidad con una estructura social que fomenta la autonomía. En el plano físico, resulta en forma y espacio, se puede decir que la forma de la arquitectura representa sinergia en su proceso de concepción y ejecución. En el plano social resulta en el empoderamiento de las personas involucradas en el proceso de producción.

Promover la arquitectura en la perspectiva de la sinergia es una búsqueda constante por calidad, por ende, todo lo que promueve daños sociales y ambientales debe evitar ser usado. Es necesario el profundo reconocimiento del territorio y eso sucede por medio de la observación, cuidado e interacción; en la práctica, a lo largo del tiempo se desarrolla una cultura constructiva. El proceso (medio) se convierte en algo tan importante como el resultado final, en la cocreación es donde se encuentra la belleza y la construcción colectiva por medio de las prácticas pedagógicas que permiten el rescate y la formación de culturas constructivas que posibiliten la autonomía. En este encuentro entre territorio, arquitectura, educación y autonomía todos pueden manifestar sus virtudes. Así, la vida en el planeta se volverá más justa, mejor.

Relacionamentos sociais de qualidade podem promover autonomia. Atualmente, existem muitas iniciativas envolvendo arquitetos, estudantes e comunidades na construção coletiva de espaços. Iniciativas como estas apresentam possibilidades para uma arquitetura de engajamento, onde o processo de produção pode fortalecer as pessoas envolvidas, reconhecendo valores individuais e coletivos e o encontro de caminhos para reduzir a vulnerabilidade social.

A arquitetura pode ser o encontro de uma estrutura física de qualidade com uma estrutura social promotora de autonomia. No plano físico, resulta em forma e espaço — pode-se dizer que a forma da arquitetura representa a sinergia no processo de concepção e execução. No plano social, resulta no empoderamento das pessoas envolvidas no processo de produção.

Promover arquitetura na perspectiva da sinergia é uma busca constante por qualidade. Tudo o que promove danos sociais e ambientais deve ser evitado. É necessário profundo reconhecimento do território, e isso acontece por meio de observação, cuidado e interação. Na prática, ao longo do tempo, desenvolve-se uma cultura construtiva. O processo (meio) torna-se mais importante do que o resultado final; a cocriação é onde se encontra a beleza e a construção coletiva, por meio de práticas pedagógicas que permitem o resgate e formação de culturas construtivas que possibilitam autonomia. Neste encontro entre território, arquitetura, educação e autonomia, todos podem manifestar suas virtudes e a vida no Planeta torna-se mais justa, melhor.





Oficina de Habitar Terra, no Teatro de Contêiner Mungunzá
Taller Habitar Tierra en el Teatro de Contêiner Mungunzá



Oficina de Cartografia Afetiva e Bambu e Autonomia, no Teatro de Contêiner Mungunzá

Taller de Cartografía Afectiva, Bambú y Autonomía en el Teatro de Contêiner Mungunzá

INCONCLUSIÓN EN PROCESO

Cómo construir autonomía: escalas del cuerpo al territorio



La pregunta fue el norte de nuestro imaginario durante la organización del seminario con el fin de ayudar a comprender cuáles fueron los encuentros y cuales son los caminos posibles que se abren para nosotras. Nosotras, seis mujeres que nos unimos a partir de un lugar (cuestionamiento) común: ¿cómo la presencia de la mujer existe (y resiste) en la arquitectura, en la ciudad y en la búsqueda por autonomía?

Cuando hablamos de autonomía hablamos de la forma en cómo nos relacionamos a temas fundamentales de nuestras vidas como el tiempo, el trabajo, el cuidado, la confianza, el otro, el movimiento, la memoria viva (presente histórico, como Lina bo Bardi decía) – discutiendo justo desde donde vienen las reglas y estructuras que condicionan nuestras relaciones y formas de estar en el mundo. ¿Cómo podemos nosotros mismos crear las formas en que queremos estar en el mundo?

Cuando trajimos para el encuentro diversos “lugares de discurso” (RIBEIRO 2017), miradas y perspectivas, cuestionamos la noción de una “historia única” (ADICHIE 2009) de la ciudad y sociedad, una narrativa “oficial” pautada en la mirada dominante y hegemónica (hombre, blanco, adulto, hetero, cis, occidental, etc). Así, reiteramos la importancia de prácticas insurgentes que desafían los padrones y la noción de centralidad traídas en la particularidad, la multiplicidad de singularidades de su poder y fuerza.

¿Cómo, entretanto, construir una pauta única a partir de esta multiplicidad? La idea del común (NEGRI 2005) puede ser construida como proyecto y afecto que unifica los elementos diferentes y apunta a un deseo único de ciudad – donde la diversidad pueda tener voz y el común pueda ser experimentado

INCONCLUSÃO EM PROCESSO

como construir autonomia: escalas do corpo ao território

A pergunta que norteou nosso imaginário durante a organização deste seminário coloca-se novamente diante de nós, a fim de auxiliar a compreensão de quais foram esses encontros e quais caminhos possíveis se abrem para todos nós. Nós, seis mulheres, que se uniram a partir de um lugar (questionamento) comum: como a presença da mulher existe (e resiste) na arquitetura, na cidade e na busca da autonomia?

Quando falamos de autonomia, tocamos na forma como nos relacionamos com temas fundantes em nossas vidas, como o tempo, o trabalho, o cuidado, a confiança, o outro, o movimento, a memória viva (presente histórico, como Lina Bo Bardi diria) — discutindo, justamente, de onde vem as regras e estruturas que nos condicionam em nossas relações e modos de estar no mundo. Como podemos, nós mesmas, criar as formas que queremos estar no mundo?

Ao trazer para o encontro diversos “lugares de fala” (RIBEIRO, 2017), olhares e perspectivas, questionamos a noção de uma “história única” (ADICHIE, 2009) da cidade e sociedade, uma narrativa “oficial” pautada no olhar dominante e hegemônico (homem, branco, adulto, hétero, cis, ocidental, etc.). Assim, reiteramos a importância das práticas insurgentes que desafiam os padrões e a noção de centralidade, trazendo na particularidade, na multiplicidade de singularidades, o seu poder e força.

Como, no entanto, construir uma pauta única a partir desta multiplicidade? A ideia do comum (NEGRI, 2005) pode ser

en su diferencia y coexistencia, sin ser unificado en el discurso. ¿Cómo reconocer las pautas identitarias, articular una narrativa común desde la diversidad? ¿Cómo operar en distintas escalas entendiendo la importancia de la variedad en los discursos y prácticas – donde se encuentran y se alejan?

“Trabajar para que las diferencias no sean desigualdades, sino otras maneras de hacer y de que tengan derechos iguales sin necesitar estar sumergidos en una uniformidad alienante.” Zaida Muxi

Este seminario fue organizado mayoritariamente por mujeres, lo que nos hizo pensar en esta inconclusión a partir de esta óptica: ¿quiénes somos, por qué estamos acá y qué pautamos, por qué cooperamos acá y ahora?

Creemos que cuando hablamos del proceso y de lo femenino, hacemos un contrapunto al *modus operandi* común: la urgencia, la producción hipersegmentada y alienada, la falta de apropiación de los procesos, la jerarquización, dominación y explotación, la agresividad, tercerización y privatización. ¿Cómo imaginamos otros modelos mentales y de relación? Más que imaginar, ¿cómo investigamos en la práctica? Eso es un desafío que exige atención constante, escucha activa, vulnerabilización, acogimiento y la descolonización de los cuerpos y imaginarios.

Abrir espacio a lo femenino para fortalecer esta cualidad frente a una lógica patriarcal enraizada significa abrir nuevos caminos y capacidades dentro de propiedades y estructuras bien definidas y consolidadas en nosotras – geografías mentales y límites que definen patrones de comportamiento. Apropiarnos de nuestro espacio primero, el cuerpo, es tan importante como apropiarnos de los espacios donde circulamos. Entender cómo nos sentimos más cómodas y libres contribuye a pensar, proponer, hacer transformaciones que caminen en

construída como projeto e afeto, que unifica os diferentes e aponta para um desejo único de cidade — onde as diversidades possam ter voz — ou o comum pode somente ser experienciado na sua diferença e convivência, sem ser unificado em um discurso. Como reconhecer as pautas identitárias, mas articular, também, uma narrativa comum dessa diversidade? Como operar em diversas escalas, percebendo a importância da variação dos discursos e práticas — onde eles se encontram e onde se afastam?

“Trabalhar para que as diferenças não sejam desigualdades, mas outras maneiras de se fazer e de ser que tenham direitos iguais sem precisar ficar submergidos em uma uniformidade alienadora.” Zaida Muxi

Este seminário foi organizado majoritariamente por mulheres, o que nos fez pensar esta inconclusão a partir desta ótica: quem somos, por que aqui estamos, o que pautamos, por que co-laboramos aqui e agora?

Acreditamos que quando nos tocamos a falar de processo e do feminino, fazemos um contraponto ao *modus operandi* corrente: a urgência, a produção hipersegmentada e alienada, a falta de apropriação dos processos, a hierarquização, dominação e exploração, a agressividade, a terceirização e privatização... Como imaginamos outros modelos mentais e de relação? E para além de imaginar, como investigamos na prática? É um desafio que exige atenção constante, exige escuta ativa, vulnerabilização, acolhimento e descolonização dos corpos e dos imaginários.

Abrir espaço para o feminino e para o fortalecimento dessa qualidade, diante de uma lógica patriarcal enraizada, significa abrir novos caminhos e capacidades dentro de propriedades e estruturas bem definidas e consolidadas em nós — geografias

este sentido. Así como experimentar el espacio de distintas formas nos posibilita reconocer nuestro cuerpo, tenemos la oportunidad de dejar de estar en el espacio para pertenecer a él, de la misma forma que él pasa a pertenecernos.

Entender nuestra primer piel, como Hundertwasser dice. Primero nuestra epidermis natural, el cuerpo; luego lo que ponemos en él, la ropa; después donde él interactúa, la casa, la ciudad. Por último, la piel planetaria, donde todos y todas vivimos.

Al proponer la creación de reglas a partir de contextos y territorios específicos, contradecemos la idea de centro y de periferia reconociendo que tanto el valor central como la potencia de la periferia viven en su especificidad, por ejemplo, marcando la necesidad de que voces no hegemónicas ocupen espacios centrales de poder.

¿Cómo creamos sistemas que posibiliten la inversión de papeles, el movimiento, la soltura, la flexibilidad? ¿Cómo hacer eso considerando trayectorias, sedimentación de procesos, los tiempos y momentos de cada proceso y persona? Ahí radica una de las contradicciones: ¿cómo quebrar la linealidad y polaridad al proponer una mirada sistémica y compleja, pero respetando ciertos papeles y lugares que se construyen en el tiempo? Posiblemente la respuesta está en la política del cuidado. Ejercitar el afectarse por sí mismo (sus potencias y necesidades), por el otro y por el todo – comprendiendo cómo en este afecto se actúa, se da y se recibe. ¿Cuál es la cualidad de estas relaciones y de este pulsar? El cuidado y escucha activa de la presencia, además de la observación atenta de las singularidades y multiplicidades que se producen en común (NEGRI 2005) son capacidades fundamentales para seguir el caminar. El reconocimiento del valor de todo tipo de trabajo, la confianza y la autonomía de cada ser y de la complementariedad de los papeles son herramientas potentes de trabajo colectivo y al mismo tiempo de construcción de otros

mentais e limites que definem padrões de comportamento. Apropriarmo-nos de nosso espaço primeiro — o corpo — é tão importante quanto nos apropriarmos dos espaços em que circulamos. Entender de qual maneira nos sentimos mais confortáveis e livres contribui para pensar, propor, fazer transformações que caminhem neste sentido. Assim como experimentar o espaço de diferentes formas nos possibilita reconhecer nosso corpo, temos a oportunidade de deixar de apenas estarmos no espaço para pertencermos a ele, da mesma forma que ele passa a nos pertencer.

Entender nossa primeira pele, como Hundertwasser coloca. Primeiro, nossa epiderme natural, nosso corpo; para logo ver o que colocamos nele, o vestuário; para depois entendermos onde ele interage, na casa, na cidade. Por último, a pele planetária ou crosta terrestre onde todos e todas vivemos.

Ao propor a criação de regras a partir de contextos e territórios específicos, contra-dizemos a ideia de centro e periferia, reconhecendo que tanto o valor central como a potência da periferia vivem em sua especificidade, por exemplo, apontando a necessidade de que vozes não hegemônicas ocupem espaços centrais de poder.

Como criamos sistemas que possibilitem a inversão de papéis, o movimento, a soltura e a flexibilidade? E como fazer isso, considerando as trajetórias, a sedimentação, os tempos e momentos de cada processo e pessoa? Aí mora uma das contradições: como quebrar a linearidade e a polaridade, propondo um olhar sistêmico e complexo, mas, ao mesmo tempo, respeitando certos papéis e lugares que se constroem no tempo? Possivelmente, a resposta esteja na política do cuidado. Exercitar o afetar-se: por si (suas potências e necessidades), pelo(a) outro(a) e pelo todo — entendendo como, nesta afetação, se atua, interage, dá e recebe. Qual a qualidade destas relações e deste pulsar? O cuidado e escuta ativa da presença, além da observação atenta das singularidades e

mundos posibles, sea en la subjetividad, en la arquitectura, en el activismo, en la ciudad y sociedad contemporánea. Investigar y producir cuerpos disponibles: al encuentro, a la alegría, a la intensidad y potencia. Cuando tenemos las respuestas, pero estamos buscando ejercitar las preguntas acertadas al caminar.

En este camino conectamos puntos, tejemos redes. **Conectando saberes** expandimos el pensamiento y por la **inversión de la mirada** nos empoderamos reconociendo cómo y con qué podemos colaborar. A partir de esta comprensión pasamos también a reconocer las potencialidades presentes en el otro – no somos iguales, pero pasamos a mirar el valor de estas potencias en un mismo espacio horizontal. Buscamos y creamos **tierra y territorio** a fin de compartir, construir y regenerar sueños, procesos y relaciones con afecto en la búsqueda de un **buen vivir la ciudad**.

multiplicidades que se produzem em estar comum (NEGRI, 2005), são capacidades fundamentais para seguir o caminhar. O reconhecimento do valor de todo tipo de trabalho, a confiança na autonomia de cada ser e a complementaridade dos papéis consistem em ferramentas potentes de trabalho coletivo e, ao mesmo tempo, de construção de outros mundos possíveis, seja na subjetividade, na arquitetura, no ativismo, na cidade e sociedade contemporâneas. Investigar e produzir corpos disponíveis: ao encontro, a alegria, a intensidade e a potência. Não que tenhamos as respostas, mas estamos buscando exercitar as perguntas certas no caminhar.

Nessa trajetória, ligamos pontos, tecemos redes. **Conectando saberes**, expandimos o pensamento, e pela **inversão do olhar** nos empoderamos, reconhecemos como e com o que podemos colaborar. A partir desse entendimento, passamos a também reconhecer as potencialidades presentes na outra pessoa — não somos iguais, mas passamos a enxergar o valor dessas potências num mesmo espaço horizontal. Buscamos e criamos **terra e território**, a fim de compartilhar, construir e regenerar sonhos, processos e relações com afeto, na busca de um **bem viver a cidade**.



Roda de ciranda, na Estação da Luz
Rueda de danza en la Estación da Luz



Partilha e encerramento, no Teatro de Contêiner Mungunzá
Cierre en el Teatro de Contêiner Mungunzá

